

CRISTIANE MARQUES PEDROSA

A REPRESENTAÇÃO DE ANGOLA EM BLOGS PUBLICADOS ANGOLANOS:
www.angolayami.blogspot.com, www.desabafosangolanos.blogspot.com

BELO HORIZONTE

2008

CRISTIANE MARQUES PEDROSA

A REPRESENTAÇÃO DE ANGOLA EM BLOGS PUBLICADOS ANGOLANOS:
www.angolayami.blogspot.com, www.desabafosangolanos.blogspot.com

Monografia apresentada como pré-requisito para a conclusão do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, do Departamento de Ciência da Comunicação - DCC, do Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI-BH.

Orientação: Vanessa Carvalho

BELO HORIZONTE

2008

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 CONTEXTO HISTÓRICO DA ÁFRICA.....	8
1.1 Representação da Cultura.....	8
1.2 Cultura Africana.....	15
2 ÁFRICA NO CONTEXTO GLOBAL.....	28
2.1 Continente africano na mídia.....	28
2.2 Questão angolana.....	32
2.3 História angolana.....	34
2.4 Relações entre Brasil e Angola.....	39
3 MÍDIA DIGITAL.....	47
3.1 Redes Globais de Comunicação.....	47
3.2 Internet: A Nova Mídia na globalização.....	52
3.3 Internet e Jornalismo Digital.....	55
3.4 Blogs a nova mídia.....	58
4 AS NOTÍCIAS PUBLICADAS NOS BLOGS ANGOLANOS.....	64
4.1 Metodologia de análise.....	64
4.2 Análise Descritiva.....	65
4.2.1 Blog Desabafos Angolanos.....	65
4.2.2 Blog Angola Minha Terra.....	65
4.2.3 Critérios de noticiabilidade.....	67
4.2.4 Credibilidade das notícias nos blogs.....	68
4.3 Representação de Angola nos blogs.....	69
4.3.1 Representação das notícias nos blog: “Desabafos Angolanos”.....	69
4.3.2 Representação das notícias no blog: “Angola Minha Terra”.....	73
4.3.3 Narrativa Jornalística nos blogs.....	75
5 CONCLUSÃO	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pelo companheirismo e grande amor. Minhas irmãs Adriana e Luciana, minha sobrinha Rafaela, meus cunhados, meu avô, meus amigos, incluindo a guerreira “Fina” caboverdiana. Sou grata pela família maravilhosa que faço parte, obrigada pela compreensão! Minhas amigas, Brenda, Dany, Claudinha, Dayane, Stephanie, Miloka, Luíza! Meu namorado que acompanhou-me durante o período “enclausurado” da monografia. Em especial meus agradecimentos a minha orientadora Vanessa Carvalho pela dedicação para a conclusão desta pesquisa! Obrigada Deus pela sabedoria suprema concedida para a realização de mais uma etapa na minha vida!

“Todas as coisas foram feitas por intermédio Dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez”.
(João 1: 3)

INTRODUÇÃO

O jornalismo é um processo social e como atividade profissional deve identificar eventos, fatos e opiniões, apresentando a matéria com precisão e veracidade, de modo que informe e entretenha o leitor, seja no rádio, na televisão, no impresso ou na Internet, que é uma mídia bastante distinta dos meios de comunicação tradicionais. Portanto, deve-se explorar e considerar cada uma das características desta (interatividade, difusão, pessoalidade, qualificação, custos de produção, acesso e rapidez), observa Bill Kovach (2004).

A tecnologia tem impulsionado um novo jornalismo. Com o espaço em rede que a Internet possui, em termos de circulação de notícias, ela se torna um campo inovador e promissor para pesquisas que podem renovar as práticas jornalísticas.

O jornalismo digital constrói a realidade por meio da singularidade dos eventos, tendo como suporte para circulação as redes telemáticas ou qualquer outro tipo de tecnologia por onde se transmita sinais numéricos e que comporte a interação com os usuários, observa Pinho (2003).

Neste contexto de linguagem virtual, surgem algumas tendências no jornalismo, que têm sido chamadas por Hugh Hewitt (2007), de “simplificadoras” do fazer jornalístico. Entre às novas tendências do cotidiano do jornalismo *on line* surgem os “blogs”, uma espécie de diário na internet. Nos blogs, a linguagem enfatiza a subjetividade, conforme observa Hugh Hewitt (2007). “O blog é apenas um novo modo de transmitir essa escrita, um meio que ignora completamente todos os editores. O público é o editor”. (HEWITT, 2007, p.140).

No ciberespaço, o conteúdo das notícias modifica-se, cria-se uma linguagem própria ao jornalismo digital, fica mais implícita a urgência de campos estruturais na rede, capazes de dar informações rápidas, simultâneas e com qualidade, promovendo a interação de bilhões de usuários. Interatividade, agilidade e inovações nas mídias *on line* levam o leitor à “conhecer o desconhecido”, como Ricardo Neves (2006) observa.

Compondo essa imagem da Internet como um campo de pesquisa e educação, Ana Mônica Lopes (2005) comenta que o continente africano tem sido alvo de discussões na mídia nos últimos anos devido a questões políticas que envolvem o biodiesel, por exemplo. Para ela, quando se pensa em África, “várias noções emergem, algumas

derivadas de filmes e programas de televisão, outras de leituras ou de um aprendizado escolar”. (LOPES, 2005, p.12). Essas referências compõem um imaginário que engessa a representação da África em determinados parâmetros, limitando-a como uma unidade cultural e histórica. Esquecemo-nos com frequência da “multiplicidade” cultural, social, política e econômica presente neste vasto continente.

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a representação de Angola nos blogs publicados por cidadãos angolanos. O aspecto relevante da pesquisa está no fato da maior inclusão do continente na agenda política no atual governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva na busca de aproximar as relações com o continente para fins econômicos, como o petróleo, muito presente no país angolano. Foram escolhidos dois blogs angolanos, o “Desabafos angolanos” (www.desabafosangolanos.blogspot.com.br) e o “Angola Minha Terra” (www.angolaxyami.com.br), observados no período de setembro de 2007 a maio de 2008.

Este trabalho divide-se em quatro capítulos. O primeiro destina-se a definir o conceito de identidade cultural, mostrando aspectos relativos à representação cultural. O segundo capítulo tem como temática o continente africano na era globalizada, considerando aspectos relativos à história do continente e às questões da globalização que afetam, principalmente, países em vias de desenvolvimento. O terceiro capítulo consiste em uma abordagem da mídia digital, as redes de comunicação, o jornalismo na Internet, incluindo a nova tendência para o jornalismo que são os blogs. No último capítulo, procede-se a análise dos blogs escolhidos.

A perspectiva é fazer um estudo, fundamentado nas notícias, reportagens, artigos, vídeos, fotos, comentário que são postados nos blogs para representação do continente africano, mais especificamente no país angolano. Define-se assim como acontece a representação de Angola nos blogs publicados por cidadãos angolanos, os critérios de noticiabilidade utilizados, de acordo com Wolf (1998), fatores como credibilidade e a interatividade da nova mídia.

1 CONTEXTO HISTÓRICO DA ÁFRICA

1.1 Representação na Cultura

Berger e Luckmann (2001) em “A Construção Social da Realidade”, observam que o sujeito adquire uma identidade na medida em que há uma interação do indivíduo com alguma comunidade ou “sociedade”. Por isso, torna-se importante a “interação face a face”, a relação da pessoa com a sociedade para a formação cultural, social, para o conhecimento e uma formação “social da realidade”. “Na dialética entre a natureza e o mundo socialmente construído, o organismo humano se transforma. Nesta mesma dialética, o homem produz a realidade e com isto produz a si mesmo”. (BERGER E LUCKMANN, 2001, p. 240).

Para eles, no momento de “interação face a face”, há uma troca de informações entre os indivíduos. Berger e Luckmann (2001) opinam que, através da conduta dos indivíduos, é possível haver diferentes realidades, pois cada sujeito adquire sua percepção crítica, um conhecimento em suas ações cotidianas e é, no “pensamento”, nas “ações” da vida comum que diferentes realidades podem ser legitimadas. “A vida cotidiana é, sobretudo, a vida com a linguagem é por meio dela, de que participo com meus semelhantes”. (BERGER E LUCKMANN, 2001, p.57). Quando se compreende a linguagem, pode-se compreender a realidade que envolve o sujeito.

O homem precisa de uma realidade para construir sua vida, ele possui o conhecimento no qual formará uma determinada realidade de acordo com o seu repertório cultural e social. Berger e Luckmann (2001) observam que, na vida cotidiana, o indivíduo adquire conhecimento, constrói a sua realidade e, com seus atributos, o sujeito tem a sua percepção crítica dos fatos, dos acontecimentos na sociedade. “A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente” (BERGER E LUCKMANN, 2001, p.35).

A linguagem tem a característica de ser interpretada e reinterpretada pelos outros através do ponto de vista de cada observador, ela pode construir um sistema de “representação”, de acordo com a “realidade da vida cotidiana”. Berger e Luckmann

(2001) defendem que a sociedade tem história e identidade formadas em sua rotina social, através de suas ações exercidas no dia a dia. “A atividade humana está sujeita ao hábito”. (BERGER e LUCKMANN, 2001, p.77).

Para Geertz (1998), em “O Saber Local”, o comportamento social do indivíduo na sociedade define a formação cultural do sujeito. De acordo com ele, é no ambiente em que o indivíduo está inserido que a cultura é formada, a linguagem, as formas de comunicação, o comportamento social é estabelecido, forma-se o que Geertz chama de uma “organização social”, modo de representação e interpretação que se faz de uma determinada realidade de acordo com o local em que o sujeito está incluso.

O autor fala sobre as dificuldades dos indivíduos em se adaptarem a uma nova cultura. Ele observa que existem diferenças, preconceitos e que cada comunidade tem a sua forma de pensar e agir na vida cotidiana de acordo com a Sociologia do Conhecimento, cada um tem a sua realidade, o seu repertório cultural. No contexto imaginário da realidade social, Geertz (1998) observa o pensamento sobre duas formas distintas: como um “processo de pensar, cogitação” e como um “produto do pensar, a idéia, a noção”.

Geertz (1998) define o pensamento como algo cultural, como produto: “Chamaríamos de cultura, a atividade ou produção intelectual de uma época ou grupo social específico. Pensamento é o que acontece dentro de nossas cabeças, e principalmente quando vários deles são agrupados, é também o que sai de nossas cabeças”. (GEERTZ, 1998, p. 220). Para esclarecer o pensamento sob forma de “processo”, ele observa que este se refere aos fatores cognitivos, a “imaginação”, aos “sonhos”.

Um universo simbólico sobre o pensamento é observado por Geertz, o pensamento “é resultado de uma manipulação intencional de formas culturais (...)”.(GEERTZ, 1998, p. 225).

O autor observa que ainda desconhecemos de maneira geral a cultura de povos distintos de nossa “realidade”, para ele falta informação sobre os outros universos simbólicos de uma comunidade para integrarmos aos sistemas representativos da identificação cultural de um indivíduo ou da sociedade. Geertz (1998) mostra-nos que, para compreender o papel da ciência social, é preciso um conhecimento empírico para opinar sobre algo e mudar alguma situação.

Bhabha (2001) em “O Local da Cultura”, analisou a dinâmica dos processos de identificação cultural e concluiu que este fator está integrado à representação cultural. Ele pesquisou o fato de como o indivíduo se comporta perante o local em que está inserido, seja a sociedade, na comunidade, ou em uma nação, e concluiu que o indivíduo tem o seu comportamento moldado e, quanto maior o poder na linguagem, como, por exemplo, o poder político, maior é a sua mobilização para a representação cultural e o seu poder de influência sobre os outros.

Ele exemplifica como sendo um sistema de representação cultural o discurso colonial na antiguidade, que foi promovido por um poder na linguagem, elo de fato das contínuas repetições: “o homem negro”, “marginalizado”, “servo”. Portanto, no aspecto histórico o discurso colonial tem suas formas de representações.

O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução. (BHABHA, 1998, p. 111).

Bhabha define o discurso colonial como um objeto de dominação, uma forma de se manter a autoridade governamental, na qual há uma apropriação e direção de diversas “esferas de atividade”, isto para que a dialética colonial possa trazer uma representação social da realidade.

Na opinião de Bhabha, a dialética colonial tem seus estereótipos representados no que diz respeito à imagem do negro, através da história, a sua marginalização, sua inferioridade, a discriminação racial, na política e na cultura observadas na mídia no decorrer dos anos.

O negro é estereotipado, ao mesmo tempo, como “selvagem (canibal)” e, paradoxalmente, como “obediente (servo)”, conforme observa Bhabha. Neste aspecto, vê-se a discriminação racial, uma segregação de culturas e histórias refletindo o passado e a pós-modernidade. (BHABHA, 1998, p.126).

(...) a fantasia colonial não tenta encobrir aquele momento de separação. Ela é mais ambivalente. Por um lado, propõe uma teologia, sob certas condições de dominação colonial e controle, o nativo é progressivamente reformável. Por outro lado, no entanto, ela efetivamente mostra a “separação”, torna-a mais visível. É a visibilidade dessa separação que, ao negar ao colonizado a capacidade de se autogovernar, a independência, os modos de civilidade ocidentais, confere autoridade à versão e missão oficiais do poder colonial”. (BHABHA, 1998, p.127).

O discurso colonial para Bhabha (2001) é um artifício de poder governamental que exerce influência psíquica, histórica, cultural e social de forma ideológica, sujeitas a interpretações. Para ele, os conflitos entre nações refletem-se na linguagem da cultura de um povo, este tem o poder simbólico de representação “entre os poderes totalizadores”. O povo tem um espaço de formação e interpelação, de influenciar na identidade em uma determinada comunidade. “A nação se transforma em símbolo da modernidade em sintoma de uma etnografia do “contemporâneo” dentro da cultura moderna.” (BHABHA, 1998, p.209).

A diferença cultural é exposta não somente para mostrar o poder político que se envolve na articulação no discurso colonial, mas visa mostrar o local de onde é exposta a dialética colonial. “O objetivo da diferença cultural é rearticular a soma do conhecimento a partir da perspectiva da posição de significação da minoria, que resiste a totalização, a repetição que não tornará como o mesmo, o menos na origem (...)” (BHABHA, 1998, p.228). Esta tem a função de “contestação cultural”, no qual o sujeito pode opinar, expressar-se, fundamentar conhecimentos sólidos para formar novas identidades.

Bhabha (1998) observa que a cultura é “tradutória” devido ao contexto global, com o avanço tecnológico, surge uma dimensão maior da informação, assim várias interpretações são geradas, modificadas e representadas para a sociedade em um contexto global, a mídia traduz a “arte”, a “música”, a “vida”, a “morte”, todo o universo de signos e símbolos. (BHABHA, 1998, p.245).

A cultura se torna uma prática desconfortável, perturbadora, de sobrevivência e complementaridade entre a arte e a política, o passado e o presente, o público e o privado na mesma medida em que seu ser resplandecente é um momento de prazer, esclarecimento ou libertação. É dessas posições narrativas que a prerrogativa pós-colonial procura afirmar e ampliar uma nova dimensão de colaboração, tanto no interior das margens do espaço-nação como através das fronteiras entre nações e povos. (BHABHA, 1998, p.245).

Para entender o processo cultural, de representação, Stuart Hall (2001), lembra o conceito de identidade do homem, para ele uma delas é desenvolvida sobre o “sujeito do iluminismo” no qual o indivíduo é visto como um ser “centrado” com “consciência” e dotado de “razão”. Hall observa que o indivíduo precisa estar em interação social entre “o eu” e a “sociedade”. Através desta mescla social, o indivíduo é “formado” e está sujeito às mudanças culturais, permitindo assim o surgimento de várias identidades, estabelecidas de acordo com o local em que o indivíduo se encontra. O “sujeito pós-moderno” é construído, pois não há nele uma única “identidade”. Os sujeitos são formados por várias identidades seguindo divergentes caminhos. “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. (HALL, 2001, p.13).

Stuart Hall (2001) observa que uma sociedade pode não se “desintegrar”, porque suas tradições, costumes, valores estão integrados. Já de acordo com Ernest Laclau (1990), pode existir uma ruptura social, para ele não há “centralização”, nem princípio que possa “organizar” a sociedade.

Hall (2001) opina que a evolução da sociedade tornou o ser humano e suas relações mais complexas. Os eventos que propiciaram este amadurecimento ou avanço da modernidade foram os da “biologia darwiniana”, sendo a primeira teoria que permitiu a reflexão do indivíduo. A segunda foi o aparecimento das “novas ciências sociais”, esta com vários estudos: o “indivíduo soberano”, “o estudo do indivíduo e sua mente”. A sociologia transfigurou-se na crítica do “individualismo racional” do “sujeito cartesiano”, nesta, foi desenvolvida uma explicação da formação do indivíduo através das relações sociais analisadas subjetivamente. Durante o século XX, o outro “descentramento” surgiu com Freud, com a “descoberta do inconsciente”.

O terceiro descentramento observado por Hall diz respeito às reflexões de Ferdinand Saussure. Ele opina que a língua é usada para expressar uma ordem social do sistema de significação cultural, ela não é “individual”, mas “preexiste a nós”, para Saussure há um universo de significação e nós somente conhecemos um objeto através da palavra, da língua. “O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença)”. (HALL, 2001, p. 41).

O quarto descentramento analisado por Hall é proposto pelo filósofo francês Michel Foucault, que entre suas observações lembra que o elemento fundamental é a disciplina para favorecer as relações sociais e mantê-las em “ordem”. Para ele, é preciso

ser correto com “as atividades”, “o trabalho”, “as infelicidades”, “a vida”, “os prazeres do indivíduo”, tudo regido sob um “poder disciplinar”. “Quanto mais coletiva e organizada a natureza das instituições da modernidade tardia, maior o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito individual”. (HALL, 2001, p. 43).

Em todos os descentramentos, as mudanças ocorridas entre o sujeito e a sociedade garantem-lhes novas identidades. O “sujeito fragmentado” é observado a partir dos parâmetros culturais. Hall observa o fenômeno da “identidade nacional”, para ele esta é influenciada pela globalização. “Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu “poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade”. (SCHWARZ *apud* HALL, 2001, p. 45).

Para Hall, a formação da cultura nacional é passada de geração a geração, através dela forma-se uma língua, criam-se formas de comunicação, educação e uma cultura, uma “ambivalência particular que assombra a idéia de nação”. (HALL, 2001, p.50).

Hall observa que existe um universo representacional para formação da identidade cultural composto de elementos dentro das “culturas nacionais”, que podem se “organizar” e interferir tanto no que fazemos como em nossa visão de “nós mesmos”.

Segundo o autor, não há meramente uma “identificação simbólica”, uma unificação cultural. Ele lembra que muitas nações foram promovidas por “conquistas violentas” das diversidades culturais. “Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade”. (HALL, 2001, p.61-62).

Hall conclui dizendo que, em geral, os países chamados “modernos” fazem parte de um “hibridismo cultural”. Neste aspecto, entra o processo de globalização por meio da identificação cultural da integração entre as “nações”, novas “comunidades” e “organizações”, nas quais o mundo pode interagir, se “interconectar”.

A globalização implica um movimento de distanciamento da idéia sociológica clássica da “sociedade” como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço.” (GIDDENS *apud* HALL, 2001, p.68).

Hall observa que “identidade” está inserida na “representação”, por isso ao longo do tempo, as novas formas culturais surgem com novas identidades.

O processo global é também as mudanças de espaço através do tempo. Hall observa que ainda há todo um aspecto histórico e sociológico na globalização, como exemplo, o autor fala da migração após a segunda guerra mundial. Após este período de grande turbulência na política, na economia e na sociedade, houve a dispersão de vários indivíduos de diversas sociedades em busca de refúgio em áreas usadas pela globalização como sem “guerra”, sem “fome”, longe das “periferias”, sem “seca” e com melhores oportunidades de vida e trabalho. Os indivíduos ficaram vulneráveis às idéias de propagandas espalhadas globalmente, eles acreditavam em ter oportunidades de existência em outros locais. “Esta formação de “enclaves” étnicos minoritários no interior dos estados-nação do ocidente levou a uma “pluralização” de culturas nacionais e de identidades nacionais”. (HALL, 2001, p.83).

Neste contexto de “pluralização de culturas”, conforme observa Hall, as identidades são questionadas, “num país que é agora um repositório de culturas africanas e asiáticas, o sentimento do que significa britânico nunca mais pode ter a mesma confiança e certeza”. (HALL, 20001, p. 84).

No processo ao longo da história que se reflete no questionamento de identidade nacional, as culturas chamadas “globais” são “confrontadas”, os costumes, a tradição podem ter uma nova interpretação, “novas posições de identidade”, a globalização pode “gerar novas identidades”, conforme Hall, podem ser fortalecidas dependendo da comunidade ou dos grupos estabelecidos em uma sociedade, ou nação.

Neste contexto global de informações, Thompson (1998) em “A Mídia e a Modernidade”, observa que a mídia exerce influência no processo de transformação social de uma sociedade, na representação cultural. “O uso dos meios de comunicação implica a criação de novas formas de ação e de interação no mundo social, novos tipos de relações sociais e novas maneiras de relacionamento do indivíduo com os outros e consigo”. (THOMPSON, 1998, p.13).

Thompson (1998) lembra que os meios de comunicação e a tecnologia possibilitaram novas formas de se comunicar, novas interações globais e eles são importantes na medida em que há uma “organização do poder”. (THOMPSON, 1998, p. 16).

Para o autor, com o desenvolvimento de novas formas de comunicação se reorganiza uma sociedade. No processo da representação cultural de uma sociedade,

pode-se destacar o desenvolvimento tecnológico como um fator que rompe outras barreiras culturais e criam-se outras. As estruturas sociais mudam com novas formas de intercâmbio entre os indivíduos. O tempo e o espaço são reestruturados.

A digitalização da informação, combinada com o desenvolvimento de tecnologias eletrônicas relacionadas (microprocessadores, etc.), aumentou grandemente a capacidade de armazenar e transmitir informações e criou a base para a convergência das tecnologia de informação e comunicação, permitindo que a informação seja convertida facilmente para diferentes meios de comunicação. (THOMPSON, 1998, p.145).

Com as novas tecnologias, o indivíduo passou a se inteirar de diversos assuntos antes desconhecidos. Desde a publicação dos impressos no século XVI e modernizados, a partir da década de XVII, a Europa passou a se informar.

(...) fatos acontecidos em lugares mais distantes da Europa, fatos que eles nunca poderiam testemunhar diretamente, em lugares que eles certamente nunca iriam visitar, (...), a circulação da formas primitivas de jornais ajudou-os na percepção de um mundo de acontecimentos muito distantes do ambiente imediato dos indivíduos, mas que tinha alguma relevância potencial para suas vidas. (THOMPSON, 1998, p.65).

Thompson (1998) observa que, com o processo de globalização da comunicação, um novo espaço de representação cultural é formado em determinadas sociedades. Para ele, alguns processos desiguais foram criados com mais benefícios para uns países do que para os outros, subdesenvolvidos. Neste aspecto, Thompson opina que a globalização torna-se um paradoxo, por um lado, dinamizando o fluxo de informações em alguns países e, em outros, marginalizando uma parte da população mundial. Algumas culturas são representadas com grande fluxo comunicacional, outras desconhecem esse fato, para ele, a globalização pode acirrar as diferenças sociais e econômicas em uma sociedade.

1.2 Cultura africana

Com as premissas observadas por Thompson (1998) a globalização, o advento tecnológico beneficiou algumas nações e outras culturas foram prejudicadas, gerando um quadro de instabilidade social, disseminando as diferenças culturais. Neste contexto, o

pesquisador Peter Fry (2005), em “A Persistência da Raça”, fez uma análise empírica sobre as diferenças culturais entre o Brasil e África Austral (considera-se África Austral a parte sul da África, banhada pelo Oceano Índico na sua costa oriental e pelo Atlântico na costa ocidental.)¹ . O autor faz a sua dissertação sobre a raça, e o “excesso de culturalismo”, a persistência do racismo que retorna com todo o processo histórico, social e econômico.

Fry (2005) “questiona os dogmas” existentes no continente em sua visita aos países, o tradicionalismo, as “verdades estabelecidas”. Em visita ao continente africano, Fry faz uma análise empírica no aspecto cultural do indivíduo naquela sociedade. De acordo com ele, o sujeito se adapta em consideração ao ambiente em que está inserido. Ele observa a questão da identidade, esta verificada como “situacional”, não única, nem exclusiva, mas com uma lógica mutável pelos indivíduos africanos, revendo os valores da “democracia racial”. Fry promove um discurso de análise com sua experiência em variantes coloniais, como Inglaterra, Brasil, Rodésia, Zimbábue, Moçambique, África do Sul e Estados Unidos.

Da minha janela, olhei e fui olhado pro uma multidão de homens e crianças, mulheres e negros, espremidos num carro de quarta classe, comendo fatias grossas de pão de fôrma e olhando para o jovem inglês tomando seu café de manhã britânico com bacon, ovos, torradas e geléia de laranja. Tinha chegado ao mundo absurdo da desigualdade e da segregação racial, um mundo no qual iria passar os anos seguintes de minha vida. (FRY, 2005, p. 19)

Historicamente, o continente africano é banhado pelo Oceano Atlântico, pelo Mar Mediterrâneo e pelo Oceano Índico. Estima-se que o Egito foi o primeiro estado a constituir-se na África. No território, encontram-se o extremo sudoeste da Ásia e o extremo nordeste da África². O continente africano é considerado um “mosaico de nações”, somam-se 109 fronteiras que divergem entre as 54 nações atuais do território, cada uma com seus costumes, comunidades, tribos, rituais.

¹ Disponível no site: http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81frica_Austral. Acessado em 07/04/2008.

² Disponível no site: <http://www.comciencia.br/comciencia/> . Acessado dia 09/ 04/08

Em reportagem à revista eletrônica de jornalismo científico, “*Com Ciência*”, Rodrigo Cunha (2008)³ publica um artigo com o título: “De que África estamos falando”? Nele, o autor fala sobre os diversos modos como o território africano é conhecido, muitas vezes é reconhecido como um ambiente “selvagem”, inusitado e pobre. Conforme Luiz Arnault (2005) observa, a “idéia de África” é ampla de acordo com a realidade de cada indivíduo.

Para Arnault (2005) o próprio nome do continente teve uma escolha, um objetivo, um significado, portanto, ao analisar a “idéia de continente africano”, implica-nos uma percepção crítica, uma visão, uma representação, um universo de símbolos e elementos que juntamente com a capacidade intrínseca de cada indivíduo, possa se analisar uma forma de representação e formular uma realidade. “Quando pensamos em África, várias noções emergem, algumas derivadas de filmes e programas de televisão, outras de leituras ou de um aprendizado escolar que, não raro, refere-se principalmente a questões relacionadas ao tráfico negreiro”. (ARNAULT, 2005, p. 12).

Durante o registro da história da África, o tradicionalismo, os costumes, a cultura e as questões relativas à identidade cultural são aspectos analisados. No processo da formação “ideológica” dos africanos, o processo cultural acontece com o “povoamento”, a aldeia formando-se, estabelecendo uma comunidade e as tribos comunicando-se entre si. Os grupos estabeleciam-se onde desejavam de acordo com o território, com o clima, a vegetação, a alimentação e assim havia uma contínua “migração” entre eles, dando origens a novas tribos, a novas comunidades e, por conseguinte, a novos dialetos. “Temos que pensar nestes colonos pioneiros como grupos pequenos e isolados (...), eles enfrentaram a natureza selvagem e forjaram novas identidades”. (DAVIDSON, 1969, p.37).

A vegetação africana é constituída por desertos europeus, no qual o calor é logo pela manhã enquanto à noite o frio é maior. O clima na maioria do território é temperado, em alguns lugares, a natureza mostra-se de forma exuberante. Lembra-se, no entanto, que, em algumas regiões africanas, a malária, a doença do sono e a Aids são predominantes em determinados locais.

A formação política da África foi marcada por três fases, a primeira durante o século VI, neste momento, integrava-se uma intensa “atividade comercial”, conforme

³ Idem

observa Arnault (2005), pois entre os territórios os conflitos militares eram contínuos entre a região do Saara e o Mar Vermelho. No segundo momento, durante o século XV, nota-se a influência do islamismo gerando um novo cenário político fundamentalista, assim vale lembrar a importância cultural no continente quanto às formações “lingüísticas”, “culturais” e “políticas”. A terceira fase é ampliada até 1880, claramente observada com a presença dos europeus no território africano. Neste momento, conflitos territoriais são contínuos, catalisando a cooperação de outros países nas relações comerciais, econômicas, a construção de alguns “reinos”, a constituição de algumas tribos, o poder militar, o tráfico de escravos, o comércio de metais preciosos, pedras e também o “cultivo de produtos agrícolas, como o cravo, na costa oriental destinado à exportação” (ARNAULT, 2005, p.45).

África é um continente marcado por transformações, o processo de crescimento populacional predominou no território a partir das “pequenas unidades políticas”, gerando “políticos supratribais”, conforme observa Arnault (2005), neste contexto de crescimento populacional, tem-se a necessidade de mais produção de alimentos, assim eram necessárias mais terras para agricultura e novas técnicas, portanto, as disputas aumentavam na chamada corrida imperial. O continente africano era instável, com a constituição de vários povos, disputas políticas, guerras com a chegada dos europeus e, logo, a “partilha da África”.

Na ata geral da Conferência de Berlim fora estabelecido o livre comércio nas bacias dos rios Congo e Níger, os princípios para a ocupação do território, a proteção dos povos indígenas, missionários e viajantes e a supressão da escravidão. A partir de então, as pretensões territoriais só seriam aceitas como de direito se satisfizessem duas condições. A primeira é que toda ocupação deveria ser comunicada aos demais países e, a segunda, a obrigação de assegurar a “existência de uma declaração nominal de posse não garantia o direito sobre qualquer região, mas somente a ocupação efetiva e a presença de uma autoridade eficiente e reconhecida. (ARNAULT, 2005, p. 65-66).

A África durante o período colonial passou por mudanças intensas, como nas questões econômicas, sociais e culturais. Quando no continente aconteceu a expansão européia no final do século XIX e o território se confrontou com o poder europeu, logo, o

domínio colonial faria com que a África desejasse sua emancipação, esta somente concluída no ano de 1950, conforme opina Marcelo Bittencourt em artigo publicado na revista eletrônica “*Com Ciência*”⁴.

A colonização no continente, observa Marcelo Bittencourt (2008), se acelerou no aspecto “econômico, social e cultural”, para ele, deve-se analisar se as novas formações de “elites políticas” na África se concretizaram de locais estratégicos “com a exploração colonial”. “Neste sentido, o contato com o colonialismo foi fundamental para que essas elites pudessem pensar-se como argelinas, angolanas, nigerianas ou quenianas”².

Após a emancipação do continente, os africanos começaram a agir politicamente, buscavam apoio entre as cidades para uma comunicação comercial e a cooperação econômica. Neste momento, os conflitos se intensificaram no território com muitas “reivindicações políticas”, o quadro político se tornou conflituoso na medida em que não havia espaço para negociação, muitos assassinatos, prisões e discursões. “O cenário alternativo foi o da inexistência de margem mínima de negociação”, observa Bittencourt em artigo publicado na revista “*Com Ciência*”⁵.

A análise mais acurada do fenômeno da descolonização no continente africano deve impedir uma perspectiva superficial que tenda a associar formas de governo existentes na Europa com os desfechos das disputas políticas ocorridas na África. Mais uma vez, é preciso ter atenção ao tempo e ao espaço. A mesma França que negociou com suas colônias da África ocidental e equatorial, em 1958, um plebiscito sobre a manutenção das mesmas nos quadros da União Francesa, levou adiante, na Argélia, oito longos anos de guerra (1954-1962) contra a independência capitaneada pela FLN (Front de Libération Nationale). Para entender o porquê desse comportamento divergente, é fundamental recordar que mais de 1 milhão de europeus residiam na Argélia, sendo esse montante composto por mais de 700 mil franceses⁴.

Os conflitos “anticoloniais” mais conhecidos são das colônias portuguesas Angola, Guiné-Bissau e Moçambique, que tiveram seus confrontos em 1961, 1963 e 1964, respectivamente e só cessaram a guerra após extintas as “tropas portuguesas”.

O colonialismo africano foi extinto “formalmente”, conforme observa Marina Mezzacappa (2008), em artigo publicado na revista eletrônica “*Com Ciência*”⁶, porém, podem ser vistos alguns costumes como “coloniais”, por um lado, destacam-se as

⁴ Disponível no site: <http://www.comciencia.br/comciencia/>. Acessado dia 10/ 04/08.

⁵ Idem

⁶ Disponível no site: <http://www.comciencia.br/comciencia/> . Acessado dia 10/ 04/08

chamadas “elites”, com a tradição européia e, nos países desenvolvidos, ainda são acirradas as políticas “exploratórias” e “assistencialistas”. Ela lembra que o continente africano está em transição de uma “continuidade” e a “ruptura” com o “passado recente”. Para ela, a África está em busca de um “novo caminho para seu desenvolvimento e afirmação”⁷.

Sobre a prospecção dos conflitos no continente, o século XIX destaca-se pelo fim do tráfico de escravos e a colonização européia, de acordo com o professor de história da África, Alexander Lemos de Almeida Gebara (2008) em artigo publicado na revista eletrônica *Com Ciência*⁸, Os conflitos africanos envolvem guerras entre as tribos, genocídios e crimes de origem cultural entre as diversas raças. De acordo com cada região, os conflitos são estabelecidos, em Ruanda, por exemplo, as causas foram as diferentes raças, no Sudão, pode-se verificar o conflito religioso e, no Quênia, fatores políticos⁹.

Os conflitos na África são associados ao contexto econômico, à sua diversidade religiosa, à situação de desigualdade social, considerando-se todo o caos político que o governo não consegue conter. “A incapacidade dos governos atenderem essas demandas provoca, por vezes, uma reação violenta por parte dos setores sociais que se sentem abandonados pelo Estado.”¹⁰

O prolongamento dos conflitos nos Estados, também tem sido associado à possibilidade dos grupos rebeldes se “auto-financiarem”, como foi o caso de Serra Leoa e Angola (nos quais os rebeldes controlavam minas de diamantes). “Vale lembrar também que durante a década de 1990, a mais violenta para a África no período pós-independência, havia muito armamento disponível no mercado internacional e a preços relativamente baixos e quase sem nenhum controle internacional”¹¹.

Peter Fry (2005), em seu ensaio antropológico “A Persistência da Raça”, observa uma luta política de guerra sobre o fim do “colonialismo” e da “discriminação racial”. Os africanos lutavam por condições melhores, com mais “educação” e “emprego”. Acreditavam em uma disputa de poder político em que eles mesmos poderiam ser governantes de sua própria cultura.

⁷ Idem

⁸ Ibidem

⁹ Ibidem

¹⁰ Ibidem

¹¹ Disponível no site: <http://www.comciencia.br/comciencia/> . Acessado dia 10/ 04/08.

A luta entre os povos africanos refere-se ao fato de que o continente poderia ser um território livre, com identidade cultural, menos desigualdade social e com democracia racial. “O império britânico não simboliza a assimilação dos povos em um tipo único (...), mas o desenvolvimento mais pleno e livre dos povos segundo suas próprias linhas específicas”. (FRY, 2005, p.57).

Fry observa que, na África do Sul, o sistema de segregação racial “conserva” as “instituições nativas” “separadas”, isso permite que o africano mantenha suas raízes tribais. Os portugueses eram considerados como “civilizados” e tinham um idioma “o português”, considerado com uma forma de identidade. E os africanos com suas várias tribos eram chamados de “tribais”, não possuíam uma língua oficial, a comunicação dava-se através de vários dialetos.

A desigualdade social era perceptível, para Fry, as culturas entre os países do continente africano eram similares. O que o surpreendia era a diversidade de dialetos, línguas faladas entre os “negros” e “brancos” e o caráter “homogêneo” da cultura africana em comparação com o Brasil. “A herança africana não era apenas dos descendentes dos africanos, era de todo o Brasil”. (FRY, 2005, p.27).

Para entender a diversidade cultural, Fry fez um estudo baseando-se na análise comparativa entre Brasil e África procurando uma inter-relação étnica.

Sentia às vezes que a diversidade tinha se tornado um valor em si, resvalando ocasionalmente para celebração inclusive de grupos étnicos nem sempre comprometidos com valores mais abrangentes, às vezes pedindo de vista as conseqüências de celebração da diversidade para o conjunto da sociedade. Além disso, na medida em que retomei contato com a África, percebi com toda clareza que a diversidade era sempre relativa. (FRY, 2005, p.28).

O racismo era proeminente quando se reconhecia a questão financeira, Fry observa que eram bem definidos o modo “social” e “cultural” de acordo com a cor do indivíduo, poucas eram as “exceções”, tanto os lugares freqüentados, como a língua que era preservada pela “elite” faziam parte no acirramento da divergência racial. O grupo negro instituído na África preservou as linguagens, a “música”, a religiosidade. Os grupos de brancos ainda se esquivam dos negros, estes últimos recebiam críticas dos brancos

quando “falavam” a língua inglesa. “As leis e segregações raciais tinham sido abolidas na independência, mas as classificações e os preconceitos que estavam por trás das leis continuavam com toda pujança.” (FRY, 2005, p.30).

Em Zimbábue, Fry percebeu uma mudança sobre o racismo. “A crença em raças assumiu a forma de um racismo governamental”. (FRY, 2005, p.30). Historicamente, quando o presidente Mugabe de Zimbábue assumiu o poder, sua forma de governar era preconceituosa, tanto a respeito da raça, da “cor”, quanto ao homossexualismo. O presidente, em um de seus discursos políticos, dizia que a culpa dos “males” africanos são dos colonizadores.

Fry observa que o sistema político e econômico, o racismo, a má distribuição de renda na África deve-se ao “colonialismo” e também ao governo. “Ficou mais evidente que embora o racismo talvez seja universal, a forma que ele assume varia de sociedade para sociedade, de situação para situação, de cultura para cultura”. (FRY, 2005, p.31).

Já em Moçambique em 1965, Peter Fry (2005) percebeu as dicotomias de um país para o outro. “A estrada perdeu as marcas nitidamente pintadas e o gramado bem cuidado das suas margens”. (FRY, 2005, p.47). Nas fronteiras, não havia somente a presença de “africanos”, mas “europeus”, “mestiços”, todos culturalmente familiarizados. A língua oficial era o português e logo em uma cidade próxima descobriu-se que ainda “poucos” africanos tinham o domínio do idioma português. Era um sistema paradoxal, de um lado, o escasso “desenvolvimento” em Moçambique, de outro, um “excesso” de “europeização”, conforme observa Fry.

Do ponto de vista colonial, do trabalho escravo, Fry opina sobre o colonialismo português na África.

Desprovidos de capital, os portugueses não conseguiram desenvolver suas economias coloniais de um modo que o seu mercado interno se tornava um estímulo para os africanos procurarem emprego. Portanto, instituíram a mão de obra forçada nas colônias para a produção agrícola que exportavam para a metrópole e, no caso de Moçambique, promoveram a exportação de mão de obra para as Minas Sul africanas a fim de obter receitas fiscais diretas das companhias contratantes e receitas indiretas por meio do dinheiro enviado pelos trabalhadores às suas famílias. A intensidade da crueldade “não teve paralelo em qualquer outra parte do continente e representou o ápice da miséria africana. (FRY, 2005, p.49)

No Brasil, observa Fry (2005), existe o mito da “democracia racial”, para ele, apenas um “disfarce” para ocultar a realidade do preconceito. “A transformação dos símbolos africanos em ícones da nação brasileira apenas escondia o racismo e o tornava mais difícil de se perceber e condenar”.(FRY, 2005, p.52)

Fry (2005) explica que, em relação às políticas de Moçambique sobre a “democracia racial”, os portugueses são acusados de catalisar o preconceito “*neo racial*”, de “superioridade moral”. A segregação racista foi proeminente durante o século XIX, em Serra Leoa, Fry descreve um racismo que se espalhava na “política” do poder “colonial britânico”. Logo no final do século, a política colonial britânica esquivou-se das premissas da “revolução francesa” com os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Eles acreditavam que as “deferentes raças não podiam nem deviam tentar se “converter” a “cultura” dos poderes coloniais”. (FRY, 2005, p.56).

Moçambique aderiu ao discurso colonial português sem questionamentos, assimilando o processo da colonização, aderindo ao idioma como oficial. Já na África do Sul, eles “celebravam” as “diferenças culturais”, os moçambicanos viam-se desprovidos de “cultura”, “identidade”, “dialetos”, sem tradição concordando com a “civilização” portuguesa e com a adoção do idioma português. Fry observa que, para ter controle e poder, Portugal deveria agir desta maneira para colonizar. “(...) Assimilando, mas não excessivamente, libertando, mas, ao mesmo tempo controlando” (FRY, 2005, p.63).

Com o *apartheid* (política que prega o fim da segregação racial), durante a década de 1960 e nos anos de 1970, nota-se Moçambique como “assimilacionista” e a África do Sul “segregacionista”. Já em 1974, com a independência em 1975, nova política “revolucionária” fora estabelecida.

Ao transferir seu devotamento de Portugal para Europa Oriental, Moçambique também afirmou sua distinção entre o colonialismo português e o *apartheid* do seu poderoso vizinho do sul, ao proclamar a ordem “marxista-leninista””. (FRY, 2005, p.65).

Em 1989, Moçambique encontrava-se em uma guerra que tinha se expandido para várias “regiões”, a população morria de fome e de doenças geradas pela guerra. Fry observa que, em uma “população de quinze milhões”, foram dizimados quatro milhões. Isso explica o número crescente de refugiados em um contexto global, muitos sem

nenhuma condição de fugir para outro país próximo para pedir “asilo nas cidades”. O contexto sócio-econômico de Moçambique degradou-se até o momento de ser considerado como em situação de calamidade, com “seca”, “fome”, miséria social, “ensino paralisado”. “ Um dos países mais pobres da Terra, como os “refugiados” os “internamente deslocados” e as “crianças traumatizadas”. (FRY, 2005, p. 69-70).

Durante o período de guerra em Moçambique, foi fundamental o apoio de organizações não governamentais e diversas agências de ajuda internacional para levar o país a se reorganizar. O quadro social e econômico precário levou a sociedade a refletir e, com esta reflexão, a romper com a tradição deixada por Frelimo¹², assim surge o “domínio público”. “Os antigos “usos e costumes” dos tempos coloniais voltaram agora na forma de “tradição” sacralizada, percebida na sua diversidade e sabedoria, como pasta integrante da nação como ela é.” (FRY, 2005, p. 70).

Em 1993, aconteceu a “primeira Conferência Nacional de Cultura”, esta marcava as bases para se estabelecer o “multiculturalismo”, disseminar a cultura africana discutindo temas como: “Cultura e relações internacionais”, “Cultura e esportes”, “O Papel das Artes” e o “Projeto Cultural Moçambicano”. Esta conferência contou com apoio de “instituições empresariais” e “bancárias de Moçambique”, “Agência Norueguesa de Cooperação” e diversos órgãos.

Quando estes projetos se concretizarem, terão o efeito de fortalecer mais ainda as idéias que os geraram. O poder infinitamente superior dos financiadores traz à tona um discurso mimético por parte dos que seriam os beneficiários, e que consolida os novos dogmas de “desenvolvimento comunitário”, acoplados aos conhecimentos e às instituições tradicionais.” (FRY, 2005, p. 79).

Fry observa que o objetivo deste projeto ainda é maniqueísta. “(...) O efeito global é criar a ilusão de que os agentes do desenvolvimento e seus beneficiários

¹² Frelimo foi um movimento reconhecido internacionalmente por ser o único a lutar pela independência de Moçambique do domínio colonial português. A Frelimo foi uma força política fundada dia 25 de Junho de 1962, pela união de três movimentos: UNDENAMO (União Democrática Nacional de Moçambique), MANU (*Mozambique African National Union*, do Quênia) e UNAMI (União Nacional Africana para Moçambique Independente). O primeiro presidente da Frelimo foi Edurado Chivambo Mondlane, um antropólogo que trabalhava na ONU (Organizações das Nações Unidas). Naqueles tempos de guerra fria, qualquer crítica à Frelimo era interpretada como sinal de simpatia pelo capitalismo e pelo *apartheid*. (...) As opiniões discordantes eram rejeitadas por meio da desqualificação das pessoas que as emitiam, considerando-as simpatizantes do *apartheid* e do capitalismo internacional, os “inimigos internos” do regime socialista da Frelimo. (FRY, 2005, P.71).

trabalham a partir das mesmas premissas, na forma de parceiros, como diria o jargão. (FRY, 2005, p.80).

O retorno do tradicionalismo após a guerra civil foi constante para a “consolidação” de Moçambique como nova “nação”. Na educação, “os pedagogos” focavam seu ensino nas línguas locais, já que o português era o idioma oficial. O “Ministério da Saúde” realizava seus estudos retornando as “parteiras tradicionais”.

Hoje, no entanto, tem surgido um novo interesse pelas línguas locais. O núcleo de línguas de Moçambique da universidade está produzindo material nas principais línguas, enquanto o Instituto para o Desenvolvimento da Educação está realizando um projeto experimental de alfabetização para adultos, que ele espera estender futuramente às crianças, acreditando que elas deveriam primeiro apreender a ler e escrever em suas “línguas maternas” antes de aprender o português. Os modelos para este sistema são o Zimbábue e a África do Sul. Mais uma vez a comunidade internacional de desenvolvimento é um forte aliado. A Suécia oferece fundos e experiência importantes. (FRY, 2005, p. 84).

Fry observa em Moçambique a influência do campo religioso sobre a sociedade. A igreja católica é vista como tentando entrar novamente no poder, pois após a guerra civil em 1989, ela passou por um processo de “inculturação”, ela havia sido punida por Frelimo, assim vários processos para atingir novamente os moçambicanos são feitos, como um jornal com o nome de “Rumo Novo” que conta com a participação de membros da igreja católica pregando a “Teologia da Libertação”. Não obstante as feitiçarias, bruxarias e a mediunidade fazem parte da “tradição” da vida “política e cultural” africana. As igrejas protestantes têm crescido e se estabelecido em todo o continente africano no qual o autor pesquisa sobre a insurgência nos últimos anos de diversas igrejas protestantes no continente marcado pelos rituais, feitiçarias e bruxarias.

Na história da África destacam-se os registros dos “costumes” e as “convenções” presentes no continente. Em sua origem ancestral, foram os africanos que deram as premissas para a expansão da “humanidade”, conforme observa Davidson (1969). “Embora só cerca de 125.000 pessoas habitassem o continente há cem mil anos, (...) este número provavelmente era superior ao da população de qualquer outro continente”. (DAVIDSON, 1969, p.29).

Várias eram as origens ancestrais, como Davidson (1969) observa: os “boxímanos, os pigmeus, os negrões”. Quanto ao estudo lingüístico dessas tribos, ainda existem várias contradições quanto a sua origem e expansão. As famílias e tribos expandiam-se e juntamente com a expansão familiar os dialetos também aumentavam e disseminavam-se por outras comunidades. Em sua civilização, as regiões são consideradas de difícil acesso, dir-se-ia que os grupos existentes na antiguidade enfrentaram problemas ao estar em determinadas regiões. “Diz-se por vezes que a essência da crença africana se baseia na noção de força vital. Talvez seja nela que se pode antever a tentativa de conceitualizar o desafio da vida e da sobrevivência(...).” (DAVIDSON, 1969, p.31).

Na formação africana, a história é determinada pelo povoamento lento e pela tendência dos grupos a se fixarem em áreas distintas, como os colonos, um dos grupos mais antigos que habitaram no continente. Os povos africanos, muitos pensam como uma “base comum”, aqueles que seriam chamados de “idade da pedra”, Davidson (1969) observa que o continente cresceu no período “crescimento e expansão dos princípios da “Idade da Pedra” ocorreu quando os canais mais eficientes de comunicação com o mundo exterior estavam, haviam muito tempo cortados ou reduzidos.”(DAVIDSON, 1969, p.42).

Para os antropólogos, as sociedades podem ser interpretadas e estudadas de acordo com o que “foram ontem” e o que “são hoje”, de acordo com o processo de transformação, assim pode-se deduzir o contexto histórico, político, sócio-cultural envolvidos na África durante o período de colonização. “O que podemos fazer é observar a natureza do processo institucional e descrever sistema, símbolos e crenças que, apesar de alteradas em pormenores, têm mantido essencialmente o mesmo significado (...).”(DAVIDSON, 1969,p. 43).

Para Davidson (1969), o continente africano foi palco de um “multiculturalismo” reafirmado por Peter Fry (2005), os africanos possuem “novas identidades” com sua forma de vida caracterizada pela segregação de “sistemas”, “cada grupo teve que dar a si mesmo um nome e uma tradição”. (DAVIDSON, 1969, p.51).

A diferença cultural é exposta não somente para mostrar o poder político que envolve a articulação no discurso colonial, mas visa mostrar o local de onde é exposta a dialética colonial. A cultura africana também é “tradutória” devido ao contexto global, no qual a modernidade introduziu os avanços na tecnologia permitindo uma dimensão maior

da informação, assim várias interpretações são geradas, modificadas e representadas para a sociedade em um contexto global, a mídia traduz a “arte”, a “musica”, a “vida”, a “morte”, todo o universo de signos e símbolos, observa Bhabha (2001).

2 ÁFRICA NO CONTEXTO GLOBAL

2.1 Continente africano na mídia

Como já exposto anteriormente, a cultura é uma forma de representação, que nos fornece uma identidade. Ainda com o advento tecnológico já mencionado por Thompson (1998) surgem novas formas de interação, de comunicação entre os povos. Ele exemplifica que a sociedade faz parte da chamada “comunicação de massa”, referindo-se às tecnologias associadas às redes de comunicação, como jornais impressos, televisão, rádio, computadores, entre outros meios da globalização.

Gianni Vattimo (1992) observa que a sociedade vive sobre estes meios de comunicação de massa, os *mass media*. Com o fim do colonialismo e do imperialismo, Vattimo observa que o avanço dos meios de comunicação de massa (rádio, televisão, jornais etc) foi um dos fatores que contribuiu para dar um fim no que se diz “história unitária”, pois, para ele, a história faz parte de uma evolução.

Vattimo (1992) usa a palavra alemã “*weltanschauungen*” que significa “visão de mundo ou cosmovisão” para falar do fenômeno da comunicação que exerce influência sobre os povos, levando-os a uma “interpretação” da realidade.

A sociedade está inserida em um ambiente cada vez mais midiaticizado. Para Stuart Hall (2001), os meios de comunicação se “interligam” em termos globais, o indivíduo pode escolher diversas informações em que o sujeito tem o livre arbítrio para escolher a melhor que lhe é exposta subjetivamente. “Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho que contribuiu para esse efeito de supermercado cultural”. (HALL, 2001, p.75).

Hall observa que ainda há todo um aspecto histórico e sociológico na globalização, como exemplo, o autor fala da migração após a Segunda Guerra Mundial. Após este período de grande turbulência na política, na economia, em termos sociais, houve a dispersão de vários indivíduos de diversas sociedades, em busca de refúgio em áreas usadas pela globalização como territórios sem “guerra”, sem “fome”, longe das “periferias”, sem “seca” e com melhores oportunidades de vida e trabalho. Os indivíduos ficaram vulneráveis às idéias expostas na mídia globalmente, eles acreditavam em ter

“chances” de “sobrevivência” em outros locais. “Esta formação de “enclaves” étnicos minoritários no interior dos estados-nação do ocidente levou a uma “pluralização” de culturas nacionais e de identidades nacionais”. (HALL, 2001, p.83).

Neste contexto de “pluralização”, de “culturas”, conforme observa Hall, as identidades são questionadas, “num país que é agora um repositório de culturas africanas e asiáticas, o sentimento do que significa britânico nunca mais pode ter a mesma confiança e certeza”. (HALL, 20001, p. 84).

A globalização implica um movimento de distanciamento da idéia sociológica clássica da “sociedade” como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço. (GIDDENS *apud* HALL, 2001, p.68).

Para Thompson (1998, a globalização permitiu novas técnicas, porém com algumas contradições. O advento tecnológico tem sua origem durante o século XIX e tornou-se mais proeminente durante o século XX. “A globalização da comunicação tem sido um processo estruturado e desigual que beneficiou mais a uns do que a outros”. (THOMPSON, 1998, p.143). Algumas tecnologias tornaram-se fornecedoras de informação independentes da distância geográfica, de forma virtual, com agilidade e eficiência, facilitando a comunicação entre as diversas organizações.

Zygmunt Bauman (1998), em “Globalização: as conseqüências humanas”, acredita que a globalização, para a maioria dos povos e nações, seria algo para promover uma atividade em conjunta de informação, permitindo a conexão entre todas as comunidades, porém, para ele, o advento tecnológico é desigual no âmbito nacional e internacional, na medida em que favorece alguns e outros não são beneficiados pelo sistema.

A globalização deu mais oportunidades aos extremamente ricos de ganhar dinheiro rápido. Esses indivíduos utilizaram a mais recente tecnologia para movimentar largas somas de dinheiro mundo afora com extrema rapidez e especular com eficiência cada vez maior. Infelizmente, a tecnologia não causa impacto nas vidas dos pobres do mundo. De fato, a globalização é um paradoxo: é muito benéfica para muito poucos, mas deixa de fora ou marginaliza dois terços da população mundial. (BAUMAN, 1998. p.79).

O continente africano, como lembra Fry (2005), é observado por aspectos simbólicos e sociais, como o “mito da democracia social”. “A demonstração e o reconhecimento da existência de racismo indicaram o abismo entre a ideologia da “democracia racial” do Brasil e a realidade sociológica”. (FRY, 2005, p.220).

Conforme Ana Mônica Lopes e Luiz Arnault (2005), quando se pensa em África, a maioria das pessoas, de acordo com o senso comum, pensa em um continente sofrido, onde a fome e a pobreza imperam, além de doenças como Aids, Malária, Doença do Sono e Poliomielite, o racismo, a chamada “África negra”.

A idéia de África vem no decorrer da história interpretada como uma imagem de um continente carente, pobre, com desigualdades sociais extremas. Conforme Thompson (1998) observa, a mídia tem o seu poder de ação no pensamento do indivíduo e assim o sujeito pode ter a sua percepção de mundo através dos meios de comunicação de massa.

Ana Mônica Lopes e Luiz Arnault (2005) explicam que a mídia nos últimos anos tem expandido o interesse pela história da África. “Seguindo uma tendência mundial, o interesse pela história da África tem crescido no Brasil. O tema tem recebido *status* de disciplina e tem sido incorporado aos currículos de graduação (...)”. (LOPES e ARNAULT, 2005, p.41).

O continente africano também tem sido alvo de discussões na mídia brasileira. O principal motivo é a sua riqueza petrolífera para a produção dos biocombustíveis. O governo brasileiro tem buscado maior aproximação com o continente com o objetivo de estreitar as relações sócio-econômicas.

Com a globalização, o continente africano tem tido maior visibilidade na mídia, notícias das relações entre Brasil e África têm sido divulgadas na Internet, como por exemplo, a aproximação do Brasil com o continente africano, divulgada em artigo publicado na revista eletrônica “*Com Ciência*”¹³. Verifica-se o interesse do atual governo sobre a África:

¹³ Disponível no site: <http://www.comciencia.br/comciencia/> . Acessado dia 10/ 04/08.

Atualmente, o governo Lula tem se esforçado para incluir o continente africano na agenda da política externa brasileira, e também grandes empresas e instituições de pesquisas estão buscando estabelecer uma conexão mais efetiva com a África. Isso não se dá por acaso: nos últimos anos, a política externa brasileira expandiu-se além da América do Sul, abrangendo outros países em desenvolvimento nos continentes africano e asiático. O estabelecimento desse eixo Sul-Sul tem sido apontado como uma boa solução para os países em desenvolvimento, já que a entrada em mercados no Norte (que engloba Estados Unidos, União Européia, Japão e China) é muito mais difícil¹⁴.

As empresas brasileiras desejam acirrar as relações com o continente tornando suas multinacionais mais competitivas no mercado. No atual governo do então presidente Luís Inácio Lula da Silva, o Brasil tem possibilitado um maior fluxo de informações pertinentes à questão africana, envolvendo temas políticos e sociais para acordos de cooperação envolvendo Índia, Brasil e África do Sul no Plano Nacional de Enfrentamento das mudanças climáticas, para a produção do bicomcombustível¹⁵. No quadro econômico do Brasil, é pertinente a aproximação com o continente devido, por exemplo, às riquezas petrolíferas na África que podem dinamizar as relações comerciais favorecendo a economia do país gerando emprego e renda.

Não é somente no aspecto econômico que o Brasil tem aumentado as relações com o continente, mas também no que diz respeito a incentivos “tecnológicos”, “científicos”, “sociais” e “culturais” para promover um melhor desenvolvimento. “O potencial de cooperação entre os dois lados é grande, mas praticamente inexplorado. Até agora muito pouco se fez de concreto para efetivar um intercâmbio mais forte(...)”¹⁶

O tema África aos poucos está voltando às universidades: aumentam as pesquisas sobre o continente africano e os centros de estudo sobre o mesmo. “Algumas Universidades, como a Candido Mendes, a USP e a Federal da Bahia sempre tiveram um núcleo de estudos africanos. Outras seguiram, mas os intercâmbios ainda não são muitos. O CNPq estuda uma forma de os aumentar”, explica Lopes. Centros culturais, como a Fundação Cultural Palmares e as comunidades quilombolas do estado de São Paulo, também estão procurando firmar um intercâmbio entre Brasil e África para fortalecer suas raízes históricas e seu conhecimento mútuo¹⁷.

¹⁴Disponível no site: <http://www.agenciabrasil.gov.br> . Acessado dia 18/ 01/07.

¹⁵ Idem 13

¹⁶ Disponível no blog: www.desabafosangolanos.blogspot.com/ Link:Wikipédia. Acessado dia 09/ 04/08.

¹⁷ Idem

2.2 Questão Angolana

A escolha de Angola como um país a ser analisado, dentre vários países no continente africano, emerge de uma questão principal: os 26 anos de guerra civil no qual o país estava refugiado. Em 2002, Angola cessou a guerra civil em um quadro de extrema vulnerabilidade ao sistema global, com vários problemas sociais, sucessivos conflitos étnicos, religiosos. A guerra civil tem uma estimativa de 500.000 mortos, as facções que estavam envolvidas neste conflito foram: Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), a União Nacional para Independência Total de Angola (UNITA), esta liderada pelo regime de *apartheid* da África do Sul¹. Angola, apesar de todos os conflitos, é um país rico em petróleo e diamantes e atualmente disputado em termos econômicos pelo Brasil.

Angola é um país localizado na Costa Ocidental da África, o território é limitado a norte e a leste pela República Democrática do Congo, a leste pela Zâmbia, a Sul pela Namíbia e a oeste pelo Oceano Atlântico. O país faz fronteira com Namíbia, Congo, República Democrática do Congo e Zâmbia. Ele foi colonizado no século XV, mas permaneceu como colônia até 1975, ano de sua independência.

Historicamente a origem do nome Angola tem sua origem na palavra “*bantu N’gola*”, refere-se ao nome dos governantes da região durante o período da colonização no século XVI. Angola está localizada em uma “zona subtropical”, caracterizada por uma estação de chuvas curtas durante o período de fevereiro a abril, o verão seco e quente e os invernos temperados¹⁸.

O país adotou o idioma português como língua oficial, mas ainda possui mais de vinte dialetos. Culturalmente, Angola assemelha-se ao Brasil quanto à musicalidade, são diversos gêneros, formas, com a arte religiosa misturados a alguns rituais presentes da mediunidade africana.

¹⁸Disponível no site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_de_Angola. Acessado dia 09/ 04/08.

A presença constante da dança no cotidiano é produto de um contexto cultural apelativo para interiorização de estruturas rítmicas desde cedo. Iniciando-se pelo estreito contato da criança com os movimentos da mãe (às costas da qual é transportada), esta ligação é fortalecida através da participação dos jovens nas diferentes celebrações sociais, onde a dança se revela determinante enquanto factor de integração e preservação da identidade e do sentimento comunitário¹⁹.

A música angolana tem a sua história no movimento político do país, o quadro de instabilidade política e econômica que predominou em Angola calou os músicos durante o período de guerra civil, mas após a calamidade, logo os músicos reavivaram os seus dons e Brasil e Cuba aderiram ao ritmo do “*merengue angolano*”. Luanda é a capital que aderiu a moda do “*semba*”, o samba do Brasil. “A música era para eles uma forma de lutar sem armas, era uma forma de resistência cultural.”²⁰

Angola apesar de estar incluída na chamada “África austral”, vive ainda com um quadro social de conflitos e diversos problemas econômicos. “Angola apesar de seus imensos recursos naturais, de seus invejáveis recursos humanos, (...)vive acuada, estando o país em sucessivos conflitos e em processo de desagregação permanente”. (VAN DÚNEM, 1999, p.93). O país, embora atribulado por 26 anos de guerra civil e ainda com um quadro crescente de pobreza, paradoxalmente, destaca-se no território a riqueza dos diamantes, petróleo e minério de ferro, com as jazidas de cobre e manganês, fosfato, sal, chumbo e diversos outros minerais.

Nos anos de 1980 e 1990, houve um processo de redemocratização, as mudanças geopolíticas, o avanço da tecnologia da comunicação. O crescimento da globalização catalisou um processo desigual no continente africano. O mecanismo global de comunicações ligadas ao capitalismo, a competitividade entre as nações geraram disputas econômicas que culminaram em uma derrota dos países “excluídos”, como Angola, que estava em permanente conflito, prejudicando o seu desenvolvimento normal.

Para Van Dúnen (1999), os conflitos existentes em Angola decorrem da falta de respostas dos governantes às necessidades históricas do país.

¹⁹ Idem

²⁰ Ibidem

(...) é inegável que os conflitos decorrem, em última instância, da falta de resposta às necessidades mais primárias de vida das populações, marcadas pela ausência de políticas públicas, migrações internas, desemprego, desocupação, superpopulação das cidades, marginalização do campo. Questões que são do mundo moderno, mas cuja solução terá que, embora por vezes negadas, levar em conta as dinâmicas locais e a cultura política que é intrínseca às sociedades africanas. (VAN-DÚNEM, 1999, p.96).

2.3 História Angolana

Em termos históricos, pode-se falar de Angola como uma ex-colônia portuguesa, para entender sobre o processo de colonização, Pantoja e Saraiva (1998) introduzem o país angolano.

Durante o século XVII, os portugueses buscavam escravos na capital de Angola, Luanda. Neste período, eles descobriram o ouro em Minas Gerais, em seguida, os comerciantes portugueses pensaram em fazer a troca das “mercadorias”: de escravos existentes no Rio de Janeiro pelo ouro em Minas Gerais e a cachaça brasileira. Assim, a concorrência da compra e venda de escravos em Angola atraía a atenção da então chamada “colônia africana” e Lisboa que premeditava a posse da África Central Ocidental. (PANTOJA e SARAIVA, 1998).

Os portugueses tinham autonomia sobre o governo angolano e o controle sobre a compra e venda de escravos. Em Angola, eram permanentes as disputas pelo tráfico de escravos. “Todos lutavam para ganhar com os altos preços dos escravos diante do novo quadro da pressão britânica pela supressão do comércio de escravos”. (PANTOJA e SARAIVA, 1998, p.13).

Os conflitos sobre o tráfico de escravos ocorriam na península portuguesa e, no Brasil, intensificou-se quando o açúcar tornou-se o produto agrícola mundial entre os principais portos: Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro; também as regiões situadas em Luanda e em uma cidade localizada no sul de Angola, chamada Benguela, eram os locais de compra e venda de escravos, conforme observa Saraiva, revelando assim, um processo de “divisão do Império português na África Central Ocidental e no Brasil no século XVIII.” (PANTOJA e SARAIVA, 1998, p. 13-14). Neste contexto, observa-se que essas

regiões visavam maior disputa econômica, envolvendo as colônias em Angola e no Brasil, que dependiam do governo britânico financeiramente. Neste período, houve intensa guerra entre os exércitos africanos e os portugueses, com secas defasando o país angolano. A reestruturação do país obteve refúgio através da ajuda brasileira.

O tráfico de escravos continuou em uma crise política, civil, com secas, epidemias e muitas perdas populacionais em Angola, “tão graves que os compradores brasileiros temiam a perda da capacidade daquela colônia para suprir a mão de obra a preços compatíveis com o valor depreciado do açúcar”. (PANTOJA e SARAIVA, 1998, p.17). Já em Lisboa um acordo feito com a Coroa de “não mais comercializar escravos”, conforme observam Pantoja e Saraiva, foi concedido para atuação dos mercadores através de contratos. Os comerciantes de Lisboa lucraram atuando como “financiadores do suprimento têxtil que constituíam o capital comercial do tráfico do que como compradores diretos de escravos”. (PANTOJA e SARAIVA, 1998, p.21-22).

Pantoja e Saraiva (1998) observam que o comércio de escravos era mais acirrado pelos britânicos e franceses sobre os “colonos luso-africanos” na região dos planaltos do Sul, neste comércio, também os estrangeiros valiam-se das manufaturas européias e dos tecidos vindos da Ásia para comercialização. Além do faturamento destes produtos, tanto os “ingleses como os franceses” e a venda da “cachaça brasileira” chamada “*geribita*” em angolano, eram referências que favoreciam as vendas por ser um produto barato, contribuindo para o comércio. “O álcool americano constituiu um componente essencial do pacote complexo de mercadorias variadas que os fornecedores da África Central Ocidental trocavam por seus escravos” (PANTOJA e SARAIVA, 1998, p. 25).

Durante o século XVIII, os africanos estavam “dependentes de bens importados”, pois estavam distantes de suas regiões devido às secas e às diversas epidemias no país na década de 1820. Contudo, os conflitos e doenças não eram precisos para fazer com que os escravos saíssem de sua região, os luso-africanos, que eram “abandonados pelos próprios compradores” no Rio de Janeiro, tentavam sair de alguma outra forma “comercial”. O militarismo no país somente acabou com a diminuição dos luso-africanos “sobre a milícia colonial” com a mudança das famílias das “capitanias militares”, para “regentes civis” e mudanças administrativas. “O papel do capital comercial britânico no comércio de escravos em Angola cresceu sem cessar em todo império português desde o século XVII” (PANTOJA e SARAIVA, 1998, p. 43). O tráfico

de escravos tornava-se intenso no Atlântico Sul, era um verdadeiro comércio. Exércitos de “mercenários africanos” foram liderados ao redor do país a procura de escravos.

África e Brasil possuíam entre si um grande fluxo intercambial no aspecto econômico que não envolvia a “participação direta da Europa”. O movimento que ambos países tinha era similar, refletindo a economia do Atlântico durante o século XVIII. O tráfico angolano no século XVII foi em sua maioria realizado pelos militares em sua busca continua pelos luso-africanos em troca de “cana de açúcar, vinho da madeira, lãs britânicas e têxteis asiáticos, mas que dificilmente foram capazes de controlar o volume ou a direção do comércio”. (PANTOJA e SARAIVA, 1998, p.44).

Durante o século XVIII, o primordial foi o descobrimento do ouro em Minas Gerais trazendo concorrência para os “comerciantes asiáticos em Portugal”, estes não tinham o apoio dos britânicos, assim eles temendo a “ameaça”, se desvincularam da chamada “aliança luso-africana com Pernambuco, no poder em Angola, empurraram os luso-africanos para o sul do Brasil e excluíram os compradores estrangeiros do círculo de favores do mercantilismo de Lisboa”(PANTOJA e SARAIVA, 1998, p.45).

Os franceses e britânicos ganharam mais mão-de-obra escrava, pois os portugueses e brasileiros não tinham tanto o poder do tráfico de escravos ao verificar a extensão comercial dos escravos no continente africano.

Apenas o baixo custo da *geribita* brasileira e os ruinosos créditos em Luanda mantiveram o movimento de escravos para o Brasil em números que graças à prosperidade do açúcar, ao módico contrabando de bens britânicos e à seca geral na África, alcançaram picos históricos, apesar do virtual abandono da colônia por parte de Lisboa e do retrocesso a uma política de simples manutenção de feitorias costeiras, como aquelas mantidas por seus rivais na Costa do Ouro e na Costa dos Escravos, na África Ocidental. (PANTOJA e SARAIVA, 1998, p.45).

Os comerciantes portugueses migraram para o Rio de Janeiro juntamente com os britânicos, que também foram para o Brasil neste período, os luso-africanos se reestruturavam para a continuidade do tráfico, que foi combatido em Angola a partir de 1845. Os africanos já estavam preparados para comercializar cera, marfim e borracha da África Central Ocidental, “especialmente quando a pressão britânica forçou a retirada do

capital comercial português do tráfico angolano de escravos”. (PANTOJA e SARAIVA, 1998, p.46).

Tomando o tráfico no seu conjunto, portugueses e estrangeiros, por volta de 12.000 a 15.000 africanos deixaram a África Central Ocidental no início do século, a maioria deles para Luanda. Somando Loango e Benguela, que desenvolveram áreas de capturas independentes e também ganhavam da zona endividada do comércio do interior de Luanda, o total geral aumentou, apesar da estabilidade em Luanda, para 40.000 nas décadas de 1780 e 1790. O volume total diminuiu ligeiramente ao longo do tempo mas permaneceu, provavelmente, por volta de 30.000 a 35.000 até o final do tráfico legal. (PANTOJA e SARAIVA, 1998, p.65-66).

Grandes transformações foram acontecendo durante o século XVIII, como lembram Pantoja e Saraiva (1998). Criou-se uma “inquietação” social quando foi proibida a “entrada de escravos no Brasil”. Em Benguela, onde havia maior concentração de escravos, as autoridades militares pediram que “não fosse divulgado que o tráfico” seria extinto. Neste período, novos caminhos foram traçados para a persistência do tráfico ilegal, como as rotas feitas pelos navios de Luanda que se direcionavam então para Cuba.

Os dados do porto de Luanda não deixaram dúvida da proeminência do Rio de Janeiro no tráfico ilegal com Angola. E esta era uma antiga herança do tráfico legal. Uma variável de longa duração que, pode-se dizer, contribuiu para a resistência do tráfico em Angola a partir de 1830, quando pela primeira vez foi proibida a entrada de escravos no Brasil. (PANTOJA e SARAIVA, 1998, p.154)

Até o final do século XVIII, Angola era reconhecida como “um reservatório de escravo para as plantações e minas do Brasil.”²¹ O período de colonização inicia-se efetivamente no século XIX, após o período de “independência do Brasil” em 1822 e o “fim do tráfico de escravos (1836-50).”²² Um destaque neste período contra o tráfico de escravos era os altos impostos cobrados por cada escravo que entrava na capital Luanda, ainda na década de 40, os navios de guerra eram fiscalizados. “Só em 1854 diminuíram as

²¹ Disponível em: www.lusoafrika.net. Acessado em 12/04/2008.

²² Disponível no site: <http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/angola/historia-de-angola.php>. Acessado dia 09/ 04/08.

saídas de navios de guerra, quando ficou claro que o tráfico para o Brasil não mais retornaria”. (PANTOJA e SARAIVA, 1998, p. 159). Somente com a “repressão” em Angola é que o término do tráfico de escravos no Brasil obteve êxito. Portugal também passava por conflitos quanto à ilegalidade, diversas vezes, os portugueses tentaram inutilmente impedir o trânsito ilegal dos escravos em suas colônias. “Os navios de guerra ingleses e franceses provocavam também receios em Portugal quanto ao destino de suas colônias africanas”. (PANTOJA e SARAIVA, 1998, p.162).

Os brasileiros participaram ativamente na organização do tráfico de escravos. Porém, a ilegalidade perdurou ainda entre 1868, devido à relação dos investidores brasileiros com os crioulos (nativos da região) angolanos. “As principais casas comerciais de Luanda durante o tráfico ilegal ou eram formadas por correspondentes de traficantes brasileiros ou por crioulos angolanos dependentes do contato no Brasil(...)”. (PANTOJA e SARAIVA, 1998, p.181). A rota principal para o tráfico era do Congo a Angola, mas os brasileiros também já comercializavam escravos em Cuba.

Para o combate do tráfico, foram formados sistemas de espionagem e aqueles escravos que forneciam informações ganhavam o direito à liberdade. Os suspeitos eram levados ao “interrogatório” e as “correspondências” dos detentos eram violadas. “Além de cartas que revelam como era organizado o tráfico ilegal, os navios negreiros transportavam outro elemento (...) para as redes de traficantes: os créditos que as financiavam”. (PANTOJA e SARAIVA, 1998, p.187).

Para o Brasil, foi importante entender o contexto de repressão política e econômica que Angola vivia. O tráfico de escravos era proeminente entre Brasil e Portugal e “há indícios de que os traficantes brasileiros faziam o tráfico ilegal para Cuba” (PANTOJA e SARAIVA, 1998, p.189). Para entender o contexto sócio-econômico de Angola, os autores lembram que, em Luanda, a importação era maior do que a exportação para o Brasil, a cachaça brasileira era a fonte principal de importação em Luanda. “Pelas importações médias de Luanda vê-se que nem sequer o fim do tráfico para o Brasil conseguiu destruir de imediato a participação de brasileiros na organização do tráfico de escravos em Angola, seja para Brasil ou Cuba”. (PANTOJA e SARAIVA, 1998, p. 192).

O sistema colonial era importante para dinamizar a sociedade em termos de economia de mercado, desenvolvendo a produção agrícola. O processo de “colonização direta”, (CARVALHO, 2005, p.42), eclodiu na África quando o movimento da Europa

em conferência em Berlim durante o ano de 1885 organizou-se na Alemanha pelo então chanceler Bismarck dizendo que os estados somente poderiam entrar e “reivindicar” “direitos” em determinados locais quando “ocupassem efetivamente”. Dir-se-ia neste momento que Berlim redesenhou o mapa da África com a divisão dos seus espaços, marcando os locais de “direitos” que cada Estado Europeu poderia ocupar na África.

2.4 Relações entre Brasil e Angola

O momento crucial das relações do Brasil com a Angola foi durante a década de 1975. Quando Angola obteve a sua independência em 1975, Portugal havia sido ocupada pelos filipinos, neste conflito, os holandeses decidiram retirar os portugueses desta região, assim, as regiões de Benguela, Santo Antônio do Zaire, as barras do Bengo e do Cuanza existentes na África foram ocupadas. O relacionamento brasileiro com Angola foi consolidado pelas relações diplomáticas. “O novo relacionamento com Angola foi consubstanciado nos intercâmbios comerciais e pela retomada das velhas rotas de convivência cultural que haviam animado a vida no Atlântico Sul.” (PANTOJA e SARAIVA, 1998, p.225).

O chamado “renascimento” das relações entre Brasil e Angola foi catalisado pelo reconhecimento da independência de Angola no dia 11 de novembro de 1975, neste período, Portugal retirava-se do país africano. “Em contexto de profundas indefinições políticas no novo país independente da África, levou o Brasil para o coração da história mais recente de Angola”. (PANTOJA e SARAIVA, 1998, p.226).

Durante a década de 70, do século passado, Angola era o centro de tensões internacionais, em Portugal aconteceu a Revolução dos Cravos, que deixou o país angolano com inseguranças políticas e econômicas. Cresciam os embates econômicos e políticos, vivenciados em um contexto de guerra fria em Angola, nesta época, movimentos como o chamado: “Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), outros movimentos como a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), criado por Holden Roberto que recebia subsídios norte-americanos e do Zaire, norteavam as incertezas dos angolanos. Vários outros movimentos importantes neste contexto social

foram acirrados, como o da União Nacional pela independência de Angola (UNITA), o seu líder foi Jonas Savimbi. A “Organização da Unidade Africana e Portugal” desejava um governo exclusivo com autonomia política e, no dia da independência angolana, o MPLA conseguiu se legitimar de forma unilateral. “O caso angolano era uma questão internacional com repercussões na própria relação política entre as grandes potências”. (PANTOJA e SARAIVA, 1998, p.228).

Os Estados Unidos queriam criar um governo comunista em Angola, essa guerra intensificou-se com a entrada de Cuba com suas tropas, o objetivo da guerra precedida pelos Estados Unidos, era a oposição da cooperação de Agostinho Neto em Luanda. Pantoja e Saraiva (1998) observam que neste quadro político instável, Brasil e Angola cogitavam uma possível abertura de uma política exclusiva para as ex-colônias.

Após o reconhecimento do Brasil da independência angolana, “a comissão de conciliação da organização da unidade africana, havia recomendado para Angola um governo de unidade nacional formado pelos três grandes movimentos de libertação”. (PANTOJA e SARAIVA, 1998, P. 247). O Brasil aumentou as relações diplomáticas com Angola, era “o início de uma relação privilegiada que ainda persiste” (PANTOJA e SARAIVA, 1998, p.245).

Um pouco antes da Assembléia Geral das Nações, a imprensa brasileira noticiava a petição da Organização da Unidade Africana (OUA) para que o Brasil fosse o negociador da independência de Angola. O colunista Carlos Dunshee de Abranches, do *Jornal do Brasil*, informava aos leitores que o Itamaraty estava se preparando para aquela missão. Mas *O Globo*, mais vinculado aos interesses portugueses, afirmava que não era bem uma oferta de mediação, mas de mera compreensão humanitária da questão. (PANTOJA e SARAIVA, 1998, p. 238).

Com a independência de Angola, o Brasil começou a cooperar com o país, enviando alimentos e roupas, reconhecendo a sua emancipação sob a liderança do Movimento para Libertação de Angola (MPLA). A “imagem do Brasil” foi fortalecida com o reconhecimento da independência de Angola no “sistema internacional”. A economia, “a expansão gradativa do comércio com os árabes do oriente médio foi uma

das principais conseqüências da resolução da questão angolana pelo Brasil (PANTOJA e SARAIVA, 1998, p 249-250).

Em 1979, os acordos comerciais de financiamentos e apoio da Petrobrás foram importantes para dinamizar as relações entre Brasil e Angola. Com a globalização, a gestão tecnológica acirrou ainda mais a cooperação entre ambos países e, desde 1995, o Brasil tem se tornado pioneiro na diplomacia angolana, unindo esforços para promover a paz em Angola com o refúgio das Nações Unidas. Neste contexto, foram acumuladas dívidas de Angola para com o Brasil ao longo dos anos de cooperação política, econômica e social, este débito vinha sendo quitado com a remessa de barris de petróleo durante o período de 1995-1996.

Angola tem sido reconstruída ao longo das décadas, grandes são as dificuldades estruturais, a “construção da democracia”, a concorrência do mercado, as dívidas no país. “Tudo parece conspirar contra a continuação de uma política brasileira de aproximação maior a Angola”. (PANTOJA e SARAIVA, 1998, p.252).

O papel das Nações Unidas na tentativa de prover o mínimo de estabilidade para os países africanos em crise tem sido destacado durante os anos 1990. Contudo, antes disso, a ONU teve papel proeminente no processo de descolonização da África e foi, por conseguinte, foro importantíssimo na constituição dos Estados africanos. (PENNA FILHO, 1999, p.107).

Brasil e Angola, ex-colônias portuguesas, ainda possuem suas raízes de cooperação, tanto no que diz respeito aos seus interesses econômicos e sociais, ambos são países “em desenvolvimento”, porém, com riquezas merecedoras de respeito, Angola ainda com diamantes e grandes reservas petrolíferas e o Brasil com riquezas hídricas, petrolíferas e extensa biodiversidade, a maior economia latino-americana²³.

Em 2002, Angola finalmente vivenciou um período de “paz”, pois o país foi palco da dominação portuguesa e logo após de uma intensa guerra civil. Atualmente, o país é governado pelo presidente José Eduardo dos Santos e pelo ministro Fernando da Piedade Dias dos Santos. Sua política envolve a participação de um Conselho de Ministros, composto por vice-ministros de governo.

²³ Disponível em: www.comciencia.br/reportagens/petroleo/pet05.shtml. Acessado em 12/04/2008.

A lei Constitucional de 1992 estabelece as linhas gerais da estrutura do governo e enquadra os direitos e deveres dos cidadãos. O sistema legal baseia-se no português e na lei do costume, mas é fraco e fragmentado. Existem tribunais só em 12 dos mais de 140 municípios do país. Um supremo tribunal serve como tribunal de apelação. Um tribunal Constitucional com poderes de revisão judicial nunca foi constituído apesar de existir autorização estatutária²⁴.

Atualmente, o Brasil tem apoiado o continente africano exportando tecnologia, serviços e manufaturas além de produtos primários. Conforme observa Roger Agnelli, em artigo publicado no Correio Brasiliense no dia 08 de maio de 2006, o crescimento das multinacionais brasileiras tem possibilitado o investimento em países em desenvolvimento como o continente africano²⁵.

Roger Agnelli (presidente da companhia Vale) observa que, para um continente marcado por guerras civis, regimes políticos instáveis, condições de saúde, moradia e educação precárias e imensa pobreza, tornam-se necessário e justo mais investimento para as relações diplomáticas serem estabelecidas e que estas possam ser “um canal de apoio eficaz à inserção crescente de empresas brasileiras nessas regiões ainda pouco conhecidas por nós.”²⁶

A África historicamente é um continente marcado por conflitos armados, intensa guerra civil, desvios econômicos, sociais, problemas com saúde, educação, saneamento básico, dificuldades energéticas em algumas regiões, distribuição de renda deficiente que predomina sobre um continente embora rico e disputado globalmente devido ao acesso a matérias primas e a riqueza proeminente do petróleo e do gás natural. Por um lado, encontra-se um território deficiente, pobre, miserável, desigual, paradoxalmente, vê-se um continente atraente economicamente e competitivo pelas demais potências.

O Brasil faz parte dessa concorrência mercadológica e deseja tornar-se, nos últimos tempos, um cooperador assíduo nas disputas sociais e econômicas do continente, em especial Angola pela sua riqueza petrolífera. Na opinião de Roger Agnelli, é preciso investir na África oferecendo-lhes “condições adequadas de trabalho, com suficientes

²⁴ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Angola>. Acessado em 12/04/2008.

²⁵ Disponível no site: www.correiobrasiliense.com.br/Africa Destino Crescente de Investimentos Brasileiros. 08 de Maio de 2006. Acessado em 09/11/2008.

²⁶ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Angola>. Acessado em 12/04/2008.

recursos humanos e materiais, a fim de que a diplomacia possa ser um canal de apoio eficaz.²⁷”

O primeiro país a apoiar Angola em sua emancipação foi o Brasil e nos dias atuais, continua participando da vida política, econômica e social deste país. Em artigo publicado no *Jornal El País*, no dia dezenove de dezembro de 2007, foram noticiadas algumas intenções do Brasil em relação a Angola, como a busca de investimentos no país. De acordo com a reportagem, ambas as nações irão firmar acordos financeiros, estes descrevem apoio para iniciação científica, prevenção de doenças como a Malária que atinge fortemente Angola, projetos na área educativa como “Escola para todos”, além de investimentos em infra-estruturas e garantia de melhores condições de vida, tais como “saneamento básico” e “produção de energia.”²⁸”

Angola é uma potência petrolífera e o Brasil é autosuficiente na produção de petróleo. Não obstante, podemos participar juntos na próxima revolução energética: a dos biocombustíveis, disse o presidente Lulla.(...) As exportações de Angola e Brasil chegam aos 460 milhões de dólares anuais, sendo Angola o terceiro país africano que mais importa no Brasil e o quarto maior importador de produtos brasileiros na África. (...). Os vínculos comerciais entre Angola e Brasil estão acelerados nos últimos meses. No ano passado, o comércio entre os dois países alcançaram os 1.300 milhões de dólares, 150% a mais que o registrado no exercício anterior²⁹.

No atual governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, a mídia brasileira tem fornecido um fluxo maior para as informações sobre um continente ainda “desconhecido”, envolvendo as questões sociais, políticas e econômicas, um caso peculiar é a ação que envolve países como Índia, Brasil e África do Sul no “Plano Nacional de Enfrentamento das Mudanças Climáticas” para produção do biocombustível, o discurso do presidente Lula destaca a ajuda aos países em desenvolvimento:

²⁷ Disponível no site: [www.correiobrasiliense.com.br/Africa Destino Crescente de Investimentos Brasileiros](http://www.correiobrasiliense.com.br/Africa_Destino_Crescente_de_Investimentos_Brasileiros). 08 de Maio de 2006. Acessado em 09/11/2008.

²⁸ Disponível no site: www.elpais.com/articulo/international/Brasil/invertira/Angola/1000/millones/dolares. Acessado dia 13/04/2008. Tradução nossa.

²⁹ Disponível no site: <http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/> .Lula defende biodiesel na ONU e oferece Brasil para nova reunião ambiental. Acessado em 09/11/2008.

O etanol e o biodiesel podem abrir excelentes oportunidades para mais de uma centena de países pobres e em desenvolvimento na América Latina, na Ásia e, sobretudo, na África, além de propiciar autonomia energética, sem necessidade de grandes investimentos gerando emprego e renda. A conclusão de um acordo trilateral de transportes marítimos, juntamente com o já existente acordo de serviços aéreos, permitirá conexões mais diretas entre o Brasil, a Índia e a África do Sul. Queremos com isso, diz o presidente Lulla, dinamizar o comércio entre nossos países, que, em conjunto, já alcançam 7 bilhões de dólares. Queremos também aproximar nossos povos e nosso intercâmbio cultural e histórico. O acordo de normas técnicas, que também concluímos, será outra ferramenta poderosa para a dinamização de nossas relações comerciais³⁰.

As observações colocadas por Saraiva e Pantoja (1998) sobre as “dificuldades estruturais”, o “endividamento das economias africanas”, o “problema da construção democrática naqueles países”, ao mesmo tempo em que se colocam de forma pejorativa, paradoxalmente, pode-se ver o ânimo entre os investidores brasileiros se intensificarem a partir da premissa política petrolífera existente em Angola e a riqueza de diamantes presentes no continente africano.

Roger Agnelli, diretor da companhia Vale, em artigo ao *Correio Brasiliense on line*, observa que, para um continente marcado por guerras civis, regimes políticos instáveis, condições de saúde, moradia e educação precárias e imensa pobreza, torna-se necessário e justo mais investimento para as relações diplomáticas serem estabelecidas e que estas possam ser “um canal de apoio eficaz à inserção crescente de empresas brasileiras nessas regiões ainda pouco conhecidas por nós.”³¹

A mídia principalmente a Internet, tem sido um meio primordial para divulgação de notícias sobre o continente africano, os conflitos angolanos cessados em 2002, a violência, as desigualdades, a busca por uma “identidade”, os conflitos étnicos, o racismo exacerbado, outrossim, suas riquezas, sua cultura na música, na arte, nas danças, na religião que se comparam com o multiculturalismo brasileiro. No aspecto global, as grandes potências estão investindo em Angola nos últimos anos, é o que fala a reportagem publicada no *Jornal El País*, no dia 30 de dezembro de 2006.

³⁰ Disponível no site: <http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/> .Lula defende biodiesel na ONU e oferece Brasil para nova reunião ambiental. Acessado em 09/11/2008.

³¹ Disponível no site: www.correiobrasiliense.com.br/Africa Destino Crescente de Investimentos Brasileiros. 08 de Maio de 2006. Acessado em 09/11/2008

África fornece atualmente 30% das importações chinesas, e a tendência é ascendente. Angola já é o maior fornecedor de petróleo, com as importações de mais de meio milhão de barris por dia. A energia investimentos chineses na África que abrange 20 países no continente e nos últimos cinco anos, as empresas chinesas têm investido cerca de 15 mil milhões de dólares na compra de poços de petróleo na África. O primeiro Sino-Africano cimeira realizada recentemente em Pequim, com mais de 30 líderes presentes Africano³².

A guerra civil em Angola é representada na mídia com filmes e peças teatrais, pode se observar reportagens e artigos na Internet sobre o país, tais como a matéria do Jornal *El país*, tratando os horrores da guerra, os combates no período da independência em 1975 no qual o tráfico de escravos era intenso, o contrabando de diamantes, os soldados mutilados e as milhares de famílias refugiadas em busca de asilo político decorrentes da guerra. A reportagem sobre Luanda, a capital de Angola, abrange os aspectos históricos do país trazendo para a contemporaneidade. Sobre o aspecto cultural similar entre Brasil e Angola, tem-se o “batismo” de uma feira dos mercados ilegais, porém tolerados, com o título de “Feira Radical de Roque Santeiro”, esta feira no país angolano é chamada pelo nome uma telenovela brasileira de sucesso que repercutiu em Angola. Mesmo em face das guerras, o país ainda mostrava-se com espaço para arte, como demonstra a reportagem do Jornal *El país*: “A guerra civil (...), somando décadas de violência ininterrupta, não havia impedido que alguns habitantes de Luanda encontrassem a disposição de ânimo para consagrar-se a pintura e, ter coragem para organizar exposições.³³”

Angola é um país com referências culturais brasileiras, como a religião, as relações afro-portuguesas. Porém apresenta controvérsias sócio-econômicas, de um lado, a disseminação em larga escala da pobreza, fome, doenças e guerrilhas, por outro, a riqueza dos diamantes, o petróleo e os investimentos feitos pelos outros países, como o Brasil. Em termos políticos e econômicos, estas contradições podem ser lidas e refletidas ao se analisar as reportagens feitas em distintos sites, como o *Jornal El país*, onde encontra-se a matéria com o título: “Angola pobreza e luxo”, no dia nove de julho de 2006. Angola está se recuperando de uma intensa guerra colonial, seguida da guerra civil, por um lado, tem-se seus “contrastes selvagens” e um “caos demográfico”, conforme afirma a reportagem no site do *Jornal El País*, relatando ser o país infectado pela Malária,

³² Disponível no site: <http://www.elpais.com/articulo/economia/China/conquista/Africa>. Acessado em 09/11/2008. Tradução nossa.

³³ Disponível no site: <http://www.elpais.com/articulo/arte/Luanda/teatro/horror/>. Acessado em 04/04/2008.

Cólera, higiene precária, com lixo espalhado nas ruas, miséria social, mas, paradoxalmente, tem-se a presença milionária dos diamantes e do petróleo. “Em todo o país há mutilados pelas minas e diamantes, hotel cinco estrelas, festas, e riquíssimas minas minerais de exportação, como ouro, fosfatos(...)”.³⁴

Um panorama de injustiça social é refletido no país, conforme as notícias citadas e, no decorrer da história retratada, percebe-se que a questão angolana atinge a várias outras potências no aspecto global, dir-se-ia ao longo do tempo intensos desafios políticos, econômicos, sociais e culturais. Em artigo publicado no *blog* “*Desabafos Angolanos*” tem-se a opinião sobre a questão angolana:

Ninguém gosta de ser lembrado que vive num país com dificuldades, estradas esburacadas, paludismo e outros problemas, aos quais estão expostos todos os angolanos, ricos e pobres. Todos passamos pelos mesmos buracos e todos sofremos no mesmo trânsito no dia-a-dia, ricos e pobres. E todos continuamos a amar a nossa Angola, ricos e pobres. Temos é que trabalhar unidos por uma Angola melhor e por um futuro melhor para os nossos filhos, ricos ou pobres. E para esquecer as “malambas”, então juntamo-nos ao fim-de-semana e dançamos ao *Kuduros* do momento que geralmente, esperamos que nos entretenham e nos façam esquecer os problemas, ao invés de nos frustrar ainda mais³⁵.

³⁴ Disponível no site: <http://www.elpais.com/articulo/portada/Angola/pobreza/pelotazo/>. Acessado em 09/10/04/2008. Tradução nossa.

³⁵ Disponível no site: <http://www.desabafosangolanos.blogspot.com/> . Acessado em 10/04/2008.

3 MÍDIA DIGITAL

3.1 Redes Globais de Comunicação

Conforme já exposto nos capítulos anteriores, com a globalização, a mídia, principalmente a Internet, tem sido um meio primordial para divulgação de notícias sobre o continente africano. Vera Veiga França, pesquisadora da Universidade Federal de Minas Gerais (2000), atribui termos distintos para o significado de “redes globais de comunicação”, em seus estudos, ela analisa duas dimensões para a temática das redes: a primeira como algo observado no cotidiano, como o crescimento tecnológico e a globalização nos seus aspectos econômicos e sociais, abrangendo novos formatos na mídia aprimorando a comunicação. E a outra dimensão é baseada no conceito, no qual a rede é observada como um mecanismo metafórico, de interpretação, em que o indivíduo e a sociedade podem fazer parte. “A rede se refere a um entrelaçamento de linhas, a um conjunto de nós interconectados.”³⁶

A interpretação da rede é observada como um processo de interligação, de “nós”, de conexões e de múltiplas informações, que permite a reflexão do sujeito na sociedade, de como ele observa uma realidade e a conecta em seu mundo. Para a autora, a rede pode ser vista como uma construção das relações sociais com o outro, a vida cotidiana em uma sociedade que está em evolução na comunicação.

Todos os meios que possibilitaram mais informação para a sociedade fazem parte das redes globais de comunicação, tais como a prensa móvel desenvolvida por Gutemberg, difundindo os jornais impressos pela Europa no século XVI, o rádio inaugurado por Guglielmo Marconi no século XIX, a televisão inventada em 1928 por Philo Taylor Farnsworth e ainda, durante este período, pode-se destacar o surgimento das agências internacionais de notícias que são veiculadas na imprensa para divulgação de notícias em “rede”. Esta possibilitou a disseminação das informações de forma “multilateral”, conforme observa Thompson (1998). E atualmente a internet que foi um dos avanços no ano de 1969, desenvolvida pela empresa ARPA (*Advanced Research and Projects Agency*). Este último meio permitiu mais inovações e facilidades na comunicação em âmbito nacional e internacional.

³⁶ Trabalho apresentado no 1º Seminário Interprogramas de Pós-Graduação em Comunicação, promovido pela COMPOS – PUC/SP, nos dias 18 e 19 de outubro de 2000.

Thompson (1998) observa que o surgimento das redes globais de comunicação exige mais investimento tecnológico para a conexão entre os diversos territórios alcançando uma parcela significativa da população global. Em seus estudos, ele considerou as desigualdades sociais no âmbito econômico, social e cultural em termos nacional e internacional e verificou que ainda era preciso uma “reorganização” da sociedade para que todos os países tenham entre si um nível equivalente de “cooperação”, no qual todos possam ter acesso à informação. “A reordenação do espaço e do tempo provocada pelo desenvolvimento da mídia faz parte de um conjunto mais amplo de processos que transformaram o mundo moderno”. (THOMPSON, 1998, p.135).

O autor ressalta que era preciso desenvolver mais tecnologia para transmissão de informações internacionais e nacionais a longas distâncias para facilitar a cooperação global entre as nações. Essas redes globais de comunicação se aceleraram em termos mundiais.

Thompson (1998) observa que a sociedade era conceituada de acordo com a sua tradição, seus costumes, seu cotidiano, mas com o desenvolvimento de novas tecnologias, com a criação da mídia³⁷, muitos povos passaram a vivenciar novos eventos, outras “realidades”, como forma de conhecer outro mundo que não fazia parte de sua vida cotidiana.

Com o desenvolvimento da mídia, contudo, os indivíduos puderam experimentar eventos, observar outros e, em geral, conhecer mundos, tantos reais quanto imaginários, situados muito além da esfera de seus encontros diários. Eles foram incessantemente atraídos por redes de comunicação que não tinham acesso aos produtos da mídia, eles puderam também manter um certo distanciamento do conteúdo simbólico das interações face a face e das formas de autoridade que prevaleciam em seus contextos sociais. (...) O processo de autoformação tornou-se mais reflexivo e aberto, no sentido de que os indivíduos recorriam cada vez mais aos próprios recursos e ao conteúdo simbólico transmitido pela mídia para chegarem a identidades coerente para si mesmos. (THOMPSON, 1998, p. 160).

Os novos conceitos relativos à comunicação global trouxeram inovações, como Thompson lembra em “A Mídia e a Modernidade”, a revolução tecnológica trouxe a sociedade mais possibilidades de comunicação, com a criação de sistemas de transmissão,

³⁷ *Mídia* é um termo utilizado em comunicação e pode apresentar vários significados: meio de comunicação, veículos de comunicação, comunicação de massa. “A mídia é um suporte ou veículo da mensagem. O impresso, o rádio, a televisão e a Internet são mídias”. (LÉVY, 1997, p. 61).

como “satélites e os cabos de fibra ótica”, a formação das primeiras redes de computadores, que foram criados logo no início da guerra fria; os sistemas digitais possibilitaram uma interação maior entre os receptores das informações, criando um fluxo global de intercâmbio de informação entre os diversos setores da sociedade.

O princípio da conectividade entre os computadores teve seu início na guerra fria com um fato aparentemente sem ligação com a questão. Em 1957, a antiga União Soviética colocou em órbita o seu primeiro satélite espacial artificial, o Sputnik, e, quatro meses depois, o presidente norte-americano Dwight Eisenhower anunciava a criação da Advanced Research Projects Agency (ARPA), ligada ao Departamento de Defesa, cuja missão era pesquisar e desenvolver alta tecnologia para aplicações militares. (THOMPSON, 1998, p.15).

As redes de comunicação entre os computadores precisavam ser estabelecidas para que houvesse uma comunicação entre as diversas culturas em termos globais, neste contexto, a internet se torna um facilitador da comunicação.

Conforme observa Manuel Castells (2000), em “A Sociedade em Rede”, o indivíduo pode se relacionar com a rede, definida como um mecanismo paradoxal na sociedade. No cotidiano, o que se percebe é um nível cada vez mais global de informação, as relações sociais se efetivam sem mediação de espaço e tempo. Por um lado, o grande avanço da tecnologia permitiu mais facilidades para alguns, considerando aspectos de comunicação, em contrapartida, há um condicionamento social do sujeito que é inserido em um universo tecnológico, a tendência para este é de um individualismo, ou isolamento frente aos novos sistemas da rede.

O outro parâmetro social que Castells (2000) cita como contraditório é a exclusão tecnológica de muitos povos, pois apesar de todo avanço fornecido no âmbito da tecnologia, ainda existem sociedades que não se adequaram a este processo, por conseguinte, alguns territórios vão absorver mais do processo tecnológico e outros menos.

Quando a rede desliga o Ser, o Ser, individual ou coletivo, constrói seu significado sem a referência instrumental global: o processo de desconexão, torna-se recíproco após a recusa, pelos excluídos, da lógica unilateral de dominação estrutural e exclusão social. (CASTELLS, 2000, p.41).

Para Castells, a economia que surge é chamada por ele de “informacional”, devido à concorrência entre as organizações políticas e sociais. E “global” devido às ações capitalistas. Ambos conceitos integram-se com a revolução tecnológica durante o século XX que vai interferir na ordem socioeconômica e política. A procura de mercados durante a década de 70, do século passado, acirrou o processo tecnológico e o desenvolvimento empresarial, mudando a lógica de organização social com novas tecnologias que se adequassem em termos competitivos de mercado. Com este ideal, a multiplicação dos sistemas de informação seriam acelerada.

Rápidas transformações tecnológicas combinam inovações empreendedoras com estratégias governamentais deliberadas em apoio a pesquisas tecnológicas. Países que se tornam vítimas da própria ideologia vêem sua posição tecnológica e econômica cair rapidamente em relação a outros. Assim a nova economia baseada em reestruturação socioeconômica, e revolução tecnológica será moldada até certo ponto, de acordo com os processos políticos desenvolvidos pelo estado. (CASTELLS, 2000, p.109).

Conforme define o autor, foi formado um “paradigma tecnológico”, de um lado, novos formatos da “economia global”, de outro, uma competitividade entre as organizações. Ele observa que as redes de comunicação são importantes na medida em que passam informação para que as diversas organizações em termos nacionais e internacionais possam se interconectar de forma rápida, garantindo processos produtivos em termos econômicos.

As redes globais de comunicação se inserem em um contexto sócio-econômico na competitividade das organizações entre as nações. Portanto, no clímax desta corrida tecnológica, países “excluídos” socialmente, chamados “subdesenvolvidos” deveriam se adaptar a essa nova movimentação, mas o que ocorreu foi uma defasagem econômica no continente africano, por exemplo, após a “intervenção das instituições financeiras internacionais nas políticas africanas”. (CASTELLS, 2000, p. 149).

Castells explica que o continente africano foi afetado pela “reestruturação mundial”, no qual as nações estavam inseridas no processo da chamada “revolução industrial”. Durante este período na década de 70, a economia mundial estava se

subordinando aos novos modelos tecnológicos adaptando todo o seu investimento que visava ao comércio e a industrialização. O continente africano tentou aderir a este processo, porém, a economia africana não se agregava ao modelo em termos econômicos, portanto Castells (2000) explica que a África sofreu a dinâmica da exclusão social.

Durante os anos 1970, as economias africanas tentaram aderir aos investimentos estrangeiros e recorreram a empréstimos dos bancos internacionais, essa situação culminou em um grande déficit econômico para o continente, pois a competitividade na nova era informacional encontrava-se acirrada. Historicamente vale-se recorrer à crise do petróleo persistente na época conforme a observação feita por Castells. “A posição competitiva dos países africanos no comércio internacional não foi brilhante nos anos 60, mas deteriorou-se drasticamente após a intervenção das instituições financeiras internacionais nas políticas econômicas africanas”. (CASTELLS, 2000, p.149).

Economicamente, o continente africano ficou prejudicado com a dívida do empréstimo dos bancos internacionais. A agricultura estava defasada com um grande período de seca que atingiu parte do continente, a fome aumentou conseqüentemente com as guerras civis e confrontos militares, assim, a África se tornou vítima de um dos mecanismos das redes globais de comunicação o da exclusão social. Hoje o continente ainda depende de ajuda de outras nações.

(...) As perspectivas mais otimistas para o futuro desenvolvimento da África vêem do papel potencial que poderia ser desempenhado pela nova e democrática África do Sul de maioria negra, com fortes conexões econômicas e tecnológicas com a economia global. A estabilidade e prosperidade da África do Sul, aliadas a sua disposição e capacidade de liderar vizinhos oferece a melhor oportunidade de evitar o holocausto humano que ameaça a África e, por seu intermédio, o senso da humanidade em todos nós. (CASTELLS, 2000, p. 151).

3.2 Internet: A Nova Mídia na Globalização

Conforme já exposto por Castells (2000) surge uma nova economia chamada por ele de “informacional”, devido à concorrência entre as organizações políticas e sociais. E “global” devido às ações capitalistas. Ambos conceitos integram-se com a revolução tecnológica durante o século XX que vai interferir na ordem socioeconômica e política, principalmente no continente africano.

Neste contexto de globalização, o surgimento das novas mídias, as novas formas de comunicação, tornam-se um fator fundamental para mostrar para a sociedade o desenvolvimento ou não de determinadas culturas, representando uma realidade social. A mídia que tem se expandido em todas as nações é a Internet.

A Internet é uma mídia de comunicação que diverge da televisão, do rádio, jornal e revista. “Pela primeira vez na história da humanidade temos uma máquina gigantesca de comunicação e estocagem de conhecimento com um nível altíssimo de acessibilidade instantânea.” (NEVES, 2006, p.19).

O nome Internet vem do nome em inglês “*interaction or interconction between computer network*”, ou seja, a “Internet é o conjunto de redes, conjunto das centenas de redes conectados em diversos países dos seis continentes para compartilhar informação”. (PINHO, 2003, p. 41).

O sistema de representação se integra dentro do conceito de Internet, ao mesmo tempo em que há uma ligação com o universo real, ela é também virtual conforme André Lemos e Marcos Palácios (2001) em “Janelas do Ciberespaço”. Para os autores, cria-se um novo espaço na rede, novas formas sociais são estabelecidas em um determinado período de tempo e espaço. “O espaço e o tempo na rede existem na medida em que são construções sociais partilhadas”. (LEMOS, 2001, p. 151).

Marcos Palácios e André Lemos (2001) observam que uma construção cultural e social é desenvolvida no ambiente virtual. Para eles, “novas práticas”, “trocas de saberes” são instituídas, assim como “novas solidariedades” e “novos excluídos” surgem no mecanismo de representatividade social. (LEMOS, 2001, p. 152). Castells (2000) opina que a rede pode contribuir para o processo de exclusão social, Marcos Palácios e André Lemos (2001) reafirmam o ponto de vista do autor citado, observando outrossim, que a

internet pode tanto excluir, como interferir nas relações sociais do indivíduo deixando-o num “regime de solidão”, nos quais o sujeito se individualiza em um mundo virtual. Porém, ela ainda pode servir como um parâmetro de representação da realidade social. “A virtualização tem invadido progressivamente a vida cotidiana e é necessário questionar acerca das conseqüências dessa nova realidade nas práticas e nas identidades sociais.”(LEMOS, 2001, p.155).

O advento da Internet pela empresa ARPA (*Advanced Research and Projects Agency*), em 1969, tinha o objetivo de “conectar os departamentos de pesquisa”, esta rede foi chamada de ARPANET e permitiu um alcance mundial, com a invenção da *World Wide Web*, “modo de organização da informação e dos arquivos na rede³⁸”, comenta Thompson (1998), esta realizada pelo engenheiro Tim Berners-Lee. O sistema na rede é pelo modo de “hipertexto³⁹”, “*Hypertext Markup Language*” (HTML), uma forma de linguagem, um modelo da comunicação estabelecida no meio eletrônico para redigir “textos”, para o formato de “som”, “imagens” e “animação” das páginas dos “documentos *web*”, conforme explica Pinho (2003).

Claudia Correia e Heloisa Andrade (1998) descrevem o hipertexto através da opinião de vários autores. “O hipertexto é um modo de interagir textos (...), possibilita novas formas de ler e escrever, um estilo não linear e associativo (...), é um conjunto de nós ligados por conexões (...), imagens, páginas, gráficos, sons, documentos (...).” Pierre Levy define, por sua vez que: “a rede hipertextual está em constante construção e renegociação. “Ela pode permanecer estável durante certo tempo, mas esta estabilidade é em si mesma fruto de um trabalho”. (LEVY, 1993, p.25).

³⁸ Disponível no site: <http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=11&rv=Vivencia>. Acessado dia: 20/04/2008.

³⁹ Disponível no site: <http://www.facom.ufba.br/hipertexto/nbasicas.html>. Acessado dia 20/04/2008. O hipertexto segundo Landow (1992), põe em cheque: seqüências fixadas, começo e fim definidos, uma história de certa magnitude definida e a concepção de unidade e todo associada a todos esses conceitos. Na narrativa hipertextual, o autor oferece múltiplas possibilidades através das quais os próprios leitores constroem sucessões temporais e escolhem personagens, realizando saltos com base em informações referenciais. Segundo Heim (1993) o hipertexto é um modo de interagir com textos e não só uma ferramenta com os processadores de textos. Por sua característica, o usuário interliga informações intuitivamente, associativamente. Através destes saltos que marcam o movimento do hipertexto, o leitor assume um papel ativo, sendo ao mesmo tempo co-autor. Para Ted Nelson, o hipertexto possibilita novas formas de ler e escrever, um estilo não linear e associativo, onde a noção de texto, primeiro, segundo, original e referência cai por terra. Poderíamos adotar como noção de hipertexto assim, o conjunto de informações textuais, podendo estar combinadas com imagens (animadas ou fixas) e sons, organizadas de forma a permitir uma leitura (ou navegação) não linear, baseada em indexações e associações de idéias e conceitos, sob a forma de links, que agem como portas virtuais que abrem caminhos para outras informações.

No sistema de hipertexto, os leitores podem acionar vários dados e formas de leitura, o usuário pode construir a sua linguagem de forma não linear. Para as pesquisadoras Cláudia Correia e Heloísa Andrade (1998), é preciso um cuidado com o que é publicado na rede. O que é divulgado no sistema hipertextual pode provocar uma grande “repercussão social”, pois as interpretações que ocorrem de um determinado texto são suficientes para causar um impacto na sociedade.

O crescimento da rede mundial de computadores com acesso a Internet tem aumentado no decorrer dos anos. “A velocidade de disseminação da Internet em todo o mundo deve transformá-la efetivamente na decantada superestrada da informação”. (PINHO, 2003 p.50).

O tráfego de dados cresceu de forma significativa em universidades e diversas instituições de pesquisas científicas que utilizam o recurso da Internet para seus estudos, de acordo com Pollyana Ferrari (2003). Para a autora citada, todos os organismos da sociedade tais como o governo, a ciência, a economia estão inseridos em um contexto global de comunicação sendo dependentes cada vez mais dos recursos fornecidos pelo meio eletrônico.

Octavio Ianni (1997) lembra que a mídia eletrônica, neste contexto, é envolvida em um processo importante para dinamizar o fluxo de informação, sendo um “instrumento poderoso” para uma boa comunicação. Na opinião deste autor, é como se a sociedade estivesse inteiramente ligada às “redes de comunicação” e todos passassem a buscar, além de informação, o entretenimento. Ele lembra que o meio eletrônico é um canal no qual todos podem formar opinião através de uma percepção crítica interpretada de diversas maneiras conforme a “sua realidade”, seja política, econômica, social, cultural. Sendo assim, a Internet mostra-se importante na formação da opinião pública.

Para Ricardo Neves (2006), a internet traz diversas possibilidades “para o bem e para o mal”. Ele observa que a tendência nos próximos anos é que essa mídia se espalhe rompendo todas as “naturezas geográficas”, possibilitando mais oportunidades nas diversas organizações, interferindo cada vez mais no cotidiano do ser humano, tornando a sociedade cada vez mais dependente do meio eletrônico.

Existem diversas características dessa mídia que diferem da televisão, do rádio e do impresso, tais como a “não linearidade” ou seja “o hipertexto permite que o usuário se movimente mediante as estruturas de informação do site em uma seqüência

predeterminada, mas sim saltando entre os vários tipos de dados que necessita”. (PINHO, 2003, p. 50). Além da não linearidade, a internet é instantânea, os jornais impressos, a televisão, rádio e revistas não possuem o caráter imediato da notícia como na Internet no qual a velocidade em termos globais é maior. A transmissão da informação é instantânea e, na rede, pode ser transmitida com imagens, sons e cores. “Na mídia on-line, a instantaneidade da informação modificou até mesmo o sentido do furo de reportagem, aquela notícia importante publicada em primeira mão por um órgão da imprensa.(...)” (PINHO, 2003, p.51).

Nos veículos de mídia impressos, Pinho observa “restrições” de “tempo” e “espaço”, já na Internet, a informação não tem restrição quanto ao público, não existem “filtros”. Até mesmo com relação aos custos de produção e veiculação, a internet é “pouco dispendiosa”. (PINHO, 2003, p.53).

Outras características da mídia eletrônica são: a “interatividade”, a “pessoalidade” e a “acessibilidade”. Para Pinho (2003), o conteúdo oferecido na Internet é amplo e dinâmico no qual as pessoas podem escolher o que desejam ver, ler, ouvir, ou assistir, nela os indivíduos podem interpretar diversas realidades, podem formar grupos de discussão, organizar o seu espaço pessoal, acessar diversos conteúdos para pesquisa, informação, conhecimento e formarem a sua visão sobre diversos aspectos.

Na Internet as coisas são diferentes, pois cada organização tem igual oportunidade de atingir a mesma audiência. A rede não segue os padrões de tv, cuja mensagem é levada e alardeada na sala de um telespectador passivo. Ao contrário: com milhões de sites da *Web* disponíveis na rede mundial, a audiência tem de buscar a informação de maneira mais ativa. Daí se dizer que a *Web* é um mídia que deve puxar o interesse e a atenção do internauta, enquanto a tv e o rádio são mídias nas quais as mensagens são empurradas diretamente para o telespectador ou ouvinte, sem que ele a tenha solicitado. (PINHO, 2003, p.55).

Pinho defende que a informação jornalística na Internet é uma “necessidade social”, pois as pessoas precisam estar informadas sobre os acontecimentos referentes a um mundo globalizado e cada vez mais esse recurso torna-se necessário e veloz. Para ele, o jornalismo é um processo social e, para se legitimar perante a sociedade, torna-se um atributo de si mesmo a informação “democrática”. (PINHO, 2003). Como um processo

social, o jornalismo está sempre modificando seus padrões, adequando-se a uma linguagem que o público possa entender e interpretar a realidade social.

Ricardo Neves (2003) observa que, com o novo advento tecnológico na comunicação, a sociedade tem sido afetada com a transmissão de notícias *on-line*. A informação é distribuída na rede e repassada para os internautas que, mediante aquilo que estão lendo, assistindo e ouvindo na mídia *on line*, passam a ter uma percepção crítica da realidade social. Ele afirma que, com a Internet, um novo mecanismo foi criado, mudando as relações sociais e econômicas, estabelecendo uma nova “geografia” na sociedade globalizada, ressaltando ainda que a Internet como um meio de “acesso virtual” pode levar o indivíduo a melhor convivência global.

A Internet permitiu ao jornalismo uma nova prática, o surgimento do jornalismo digital, com mais informações, imagens, cores e sons, convergindo diversas mídias em uma só. “As tecnologias de comunicação periodicamente resultam em significativas transformações na sociedade e causam grandes mudanças de hábitos e comportamento”. (PINHO, 2003, p.57).

3.3 Internet e Jornalismo Digital

Conforme as idéias expostas por Pinho (2003) sobre as mudanças que o jornalismo vem passando nos últimos anos, ele observa que o novo formato na comunicação do jornalismo na era globalizada, é o jornalismo digital, no qual “as informações são mais rápidas, inaugurando um “modelo de produção e distribuição de notícias”.(PINHO, 2003, p.115).

O jornalismo digital é todo produto discursivo que constrói a realidade por meio da singularidade dos eventos, tendo como suporte de circulação as redes telemáticas ou qualquer outro tipo de tecnologia por onde se transmita sinais numéricos e que comporte a interação com os usuários ao longo do processo produtivo. (PINHO, 2003, p.58).

O primeiro jornal digital foi do Grupo O Estado de São Paulo em 1995, logo a concorrência aumentou com O Estado de Minas, Zero Hora, Diário de Pernambuco e Diário do Nordeste, observa Pinho. “A entrada de jornais e revistas na Internet inauguram

um novo veículo de comunicação que reúne características de todas as outras mídias e que tem como suporte as redes mundiais de computadores”. (PINHO, 2003, p.115).

Pollyana Ferrari (2003) lembra que, para o jornalismo digital, não basta se ter apenas uma “boa reportagem”, ainda é preciso verificar o espaço na Internet, o “horário”, “como e onde publicar” e observa que, nesta mídia, as informações não são lançadas “aleatoriamente”, mas é preciso contemplar a técnica e, neste aspecto, o profissional necessita refletir sobre a informação em termos globais. (FERRARI, 2003, p. 45).

No ambiente de rede, o jornalista deve “editar”, “redigir”, fazer com que a notícia tenha credibilidade e relevância na mídia digital. Ela define o que seria o jornalismo digital:

Jornalismo Digital, não pode ser definido apenas como o trabalho de produzir ou colocar reportagens na Internet. É preciso pensar na enquêta (pesquisa de opinião com o leitor); no tema do *Chat*, o bate papo digital; nos vídeos e áudios; e reunir o maior número possível de assuntos e serviços correlatos à reportagem. A Internet por incrível que pareça ainda está em gestação, a caminho de uma linguagem própria. Não podemos encará-la apenas como uma mídia que surgiu para viabilizar a convergência entre rádio, jornal e televisão. A Internet é outra coisa, uma outra verdade e conseqüentemente uma outra mídia, muito ligada à tecnologia e com particularidades únicas. Ainda estamos metaforicamente, saindo da caverna. (FERRARI, 2003, p. 45).

Com o advento da Internet, a comunicação integrou-se sobremaneira na vida cotidiana. Hoje a sociedade se apossou do universo *on-line*, pois, uma imensa quantidade de informações é publicada, vários sites com notícias e entretenimento são oferecidos a todo instante para os indivíduos. O internauta, de acordo com Pollyana Ferrari (2003), acaba por não conseguir a fidelidade em apenas um veículo digital, pois as escolhas nos portais são cada vez mais concorridas. Contudo, na Internet, a imagem, o conteúdo textual e os vídeos, a convergência de mídias torna o jornalismo digital mais “sedutor”. Porém, o que ainda predomina na linguagem, no formato das notícias é a questão do acúmulo de informações que são repassadas em um curto período de tempo e espaço.

Pollyana Ferrari (2003) cita as divergências entre a mídia digital e a tradicional impressa, para ela, a tradicional precisa do grande público, necessita atingir os seus assinantes, tanto quanto a televisão, também tem o seu público exclusivo e visa agradá-lo

proporcionando um determinado programa à audiência. Já a mídia digital “consegue atingir o indivíduo digital”, “um único” que fica diante de uma tela de computador à procura de informação e entretenimento. “A revolução tecnológica provocou inegáveis impactos na difusão da informação, fazendo surgir novas formas de estruturá-la, como multimeios e hipermídia”. (FERRARI, 2003, p. 64).

A autora observa que os critérios relativos à credibilidade na notícia devem ser bem analisados. Para ela, o repórter deve checar todas as informações, ir atrás das fontes, dos dados e sempre confirmá-los antes de publicar na Web devido à quantidade de acontecimentos que são veiculados na mídia *on line*.

O trabalho *on line* é realmente excitante, pois exige que o jornalista pense na informação em toda sua cadeia. Você redige o texto, edita, acrescenta ao banco de dados geográfico o novo endereço da sala de cinema em questão, oferece um serviço de compra de tíquetes etc. Estamos falando em pensar a informação em toda a sua plenitude. É como se um repórter do caderno de Cultura de um jornal também fosse o repórter de trânsito e ao mesmo tempo o gerente publicitário, profissional responsável, por exemplo, por fechar um acordo entre a operadora de cartão de crédito e a empresa que detém a sala de cinema em questão. (FERRARI, 2003, p. 92).

Pollyana Ferrari comenta que ainda é preciso profissionais na área de jornalismo para veicular as informações na mídia digital, ainda circulam na Internet muitas notícias sem credibilidade, para ela, o jornalismo *on line* não é meramente um canal aberto de circulação de notícias, mas um ambiente que deveria permitir “acesso às fontes de informações”.

Mauro Wolf (2005) analisa o universo da comunicação e fala sobre a síntese de um sistema midiático. Wolf aborda a hipótese da *Agenda-Setting*, uma teoria proposta que consiste no mecanismo de poder que a mídia exerce sobre os indivíduos, oferecendo-lhes uma visão de mundo através do “empréstimo” dos meios de comunicação de massa, ou seja, toda a realidade que as pessoas possuem de uma determinada informação, fato ou notícia, deve-se aos “favores” dados pela mídia que lhe fornece e ensina o que o indivíduo deve pensar ou deve opinar, assim uma “lista” é apresentada ao indivíduo para sua formação e percepção crítica. Neste contexto, a idéia de “agendamento” seria todo o contexto informativo da Internet no qual cada sujeito pode escolher, ler e estar informado

de acordo com seu repertório cultural e social. Assim como Marcos Palácios e André Lemos (2001) afirmam que todo o conhecimento que as pessoas adquirem está ligado a um sistema de representação através da mídia global.

Negroponte (1995) observa em relação ao mundo tecnológico que o padrão digital poderá influenciar “o modelo econômico da seleção de notícias” proposto nos estudos do *Agenda Setting* de Mauro Wolf (1995). Para Negroponte, o futuro na era digital está na capacidade de leitura imediata de vários jornais e a captação de notícias da televisão, do rádio em termos globais, tudo sediado pela convergência de mídias na Internet, desta forma, o indivíduo pode construir seu “sumário”, sua “agenda” de informações de acordo com seus gostos e preferências.

Ricardo Neves (2006) faz uma análise das perspectivas futuristas quanto ao fenômeno da mídia digital e opina que em termos de acesso, mobilidade e a capacidade de promover uma mudança no comportamento das pessoas, o jornalismo *on line* pode permitir uma nova forma de comunicação, a tendência é que cada geração se torne mais digital que a outra.

3.4 Blogs, a nova mídia

Algumas tendências no jornalismo têm sido chamadas como “simplificadoras” no fazer jornalístico na mídia *on line*, nas novas tendências do cotidiano do jornalismo *on line* surgem os “blogs”. Nestes, o escritor e o leitor publicam mensagens, textos, vídeos, fotos e em uma linguagem hipertextual, ambos opinam e podem ser participantes da notícia.

De acordo com Hugh Hewitt, em “Blog- Entenda a Revolução que vai mudar o seu Mundo”(2007), os blogs podem ser usados como um “formadores de opinião”, tanto política, social, cultural, ou podem ser “destrutivos” na medida em que seguem uma linha discursiva para deturpar alguma imagem ou oposição, como, por exemplo, para denegrir uma imagem política, uma oposição criando links informativos, vídeos, fotos, chamando a atenção dos usuários. Ele lembra que a idéia de editor é esquecida, pois ele já não existe no universo da blogosfera, você edita, redige e opina.

A nova mídia relaciona notícias, porém não há um controle pré estabelecido do que pode ou não ser divulgado, as informações surgem e o internauta ou o chamado “blogueiro” publica e opina, os leitores tornam-se participantes ativos, em uma dialética virtual de informações na rede.

O autor Hugh Hewitt (2007) comenta essa nova mídia. Para ele, em 2005, houve um grande aumento de *blogs* na rede. Na opinião do autor, as pessoas estão inovando os hábitos para compreender as notícias através dos novos formatos de informação com opiniões de diversos usuários. O novo mundo virtual agora é chamado pelo autor de “blogosfera”.

No início de 2005 a blogosfera expandiu-se a um ritmo impressionante e, como meus 130 mil visitantes na noite e no dia do debate demonstram os americanos querem mais do que oferecem a televisão, o rádio e os jornais. (HEWITT, 2007, p.14).

Para Hewitt (2007, p.17), o que acontece hoje no meio da comunicação é uma “revolução na informação”. Ele opina que a distribuição de conteúdos na rede é mais ampla, com diversas fontes, novas possibilidades que podem ser observadas no fenômeno da “blogosfera”, uma “infestação blogueira” (HEWITT, 2007, p.30).

Ele observa que a tendência é um jornalismo de “fonte aberta na nova mídia”. A blogosfera funciona de maneira rápida, fornecendo informações com opiniões e diversas interpretações e possíveis alternativas, é uma conversa da mídia. Na opinião de Hewitt, tudo será planejado para influenciar um grande número de usuários da rede, pois o impacto que se tem nos blogs na vida comum em sociedade é relevante para a formação da opinião pública, da realidade social, no comportamento social do indivíduo.

Hewitt (2007) considera que os blogs são precursores de ajuda no jornalismo, pois eles oferecem conteúdo “investigativo”, concedendo mais oportunidades de uma dialética dos acontecimentos jornalísticos.

Do campo jornalístico, os organizadores André Brasil, Carlos Henrique Falci, Eduardo de Jesus e Geane Alzamora (2002), em “Cultura em Fluxo”, discutem sobre a presença maior dos *weblogs*⁴⁰, nos noticiários jornalísticos. Para os autores, os blogs

⁴⁰ Disponível em www.anacarmen.com. Acessado dia 20/04/2008. Blogs são páginas da Internet atualizadas regularmente por uma pessoa ou grupo temáticos, podem fazer textos, colocar imagens, áudios, vídeos, gráficos e quaisquer arquivos multimídia.

levam a rapidez na informação, a “informalidade” da publicação de notícias. O crescimento de blogs no espaço da rede, chamada “cibercultura” (Internet), está no interesse das pessoas em ver outras opiniões sobre as notícias veiculadas na mídia.

Os *weblogs*, de acordo com Raquel Recuero (2003), em artigo publicado no site da biblioteca de Ciências da Comunicação (BOCC), são construídos na rede *on line* através de mecanismos que visam facilitar a comunicação, o acesso, eles “atuam com uma versão mais dinâmica dos websites”⁴¹ e, em sua maioria, são atualizados constantemente.

Os weblogs, inicialmente identificados como uma nova tendência de diarismo na Internet, entretanto têm representado uma violenta quebra de paradigmas no jornalismo e o mais importante: têm influenciado muito a maneira através da qual o jornalismo é praticado. Essa influência tornou mais clara a partir do início da guerra do Iraque, com o aparecimento na mídia e no ciberespaço (Internet), dos Warblogs.⁴²

O jornalista Jayson Blair, do Jornal New York Times, foi envolvido em um escândalo relacionado aos artigos publicados por ele, em um espaço reservado para ele em um *blog* concedido pelo jornal. Neste *blog*, o jornalista escrevia o que desejava, mas acabou sendo preso por plágio e fraudes de reportagens. “Esse episódio coloca em evidência uma nova e vigilante instância de supervisão crítica da grande imprensa, a Internet, mais especificamente, a *blogosfera*”. (BRASIL, 2004, p. 69).

Para Ana Carmem (2006), em uma coletânea de livros chamada “Conquiste a Rede”, a “*blogosfera* é o conjunto de blogs na *web* que concretizou uma mudança na comunicação ao transformar o cidadão comum em produtor de informações.”⁴³,

Um dos problemas ressaltados por Recuero (2003) é a grande quantidade de *blogs* e os casos em que ocorrem denúncias de plágio e fraudes envolvendo fontes inexistentes. Muitos dos “*blogueiros*” não são jornalistas e qualquer pessoa pode ter um *blog* e publicar as notícias que desejar, sem a observância da questão da credibilidade. Para Raquel Recuero, há uma “personalização na informação” inserida nos *blogs*, pois o autor é quem vai disseminar as informações de acordo com seus critérios subjetivos, portanto, desde a publicação da notícia até o *desing*, o formato do *blog*, as fontes, a cor, o tamanho, o formato de letra, tudo será de acordo com as características do autor. Neste

⁴¹ Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-war-blogs.pdf>. Acessado dia 20/04/2008.

⁴² Idem

⁴³ Ibidem

contexto, se o autor for um jornalista espera-se maior compromisso com a notícia, com o público-leitor do artigo, crônica ou notícia para formar a sua opinião. “A característica da personalização dos blogs, como procuramos apontar, entretanto se refere ao lado do jornalista”. (RECUERO, 2003).

Para a autora, a opinião é uma característica dos *blogs*, porém a opinião jornalística neste meio digital ainda é pequena. A interatividade também deveria ser algo implícito neste mecanismo de comunicação, pois o leitor tem direito de opinar e receber a resposta do autor do blog, permitindo assim uma interação com o leitor, com o autor e com outros blogs.

Brocanelli (2003) em recente artigo publicado no observatório da imprensa, procurou analisar os blogs dentro da perspectiva do jornalismo on line. De acordo com o autor, os blogs são a “nova febre da Internet” e afirma que os blogs não substituirão os veículos já tradicionais de comunicação. Entretanto essa “febre” possui em si a semente de importantes mudanças dentro do jornalismo de um modo especial, do jornalismo on line⁴⁴.

Recuero (2003) analisa a nova mídia como um mecanismo hipertextual comparada com o jornalismo online, para ela, “os *blogs* podem, portanto levar ainda mais longe a pluralidade de informações, mas de uma forma organizada, trabalhando com uma filtragem crítica do conteúdo da mídia.⁴⁵”

Essa filtragem, como Mauro Wolf (1995) explica sobre o ambiente de redação, que é atribulado por vários acontecimentos, nem todos, notícia e esses devem ser “filtrados”, selecionados pelos chamados *gatekeepers*, os selecionadores de notícia. Estes são os próprios jornalistas que, de acordo com sua experiência cotidiana, deveriam filtrar as notícias que entram na redação de acordo com os critérios de noticiabilidade estabelecidos em um determinado veículo de comunicação. Entra em questão assim, o parâmetro da credibilidade da notícia, a relevância e a confiabilidade das fontes para o leitor.

A sociedade em que estamos inseridos é da “informação”, observa Recuero (2003), “(...) muitos weblogs funcionariam como *gatekeepers* da informação, assumindo uma função dos jornalistas diante da nova quantidade imensa de informações que a Internet oferece.⁴⁶”

⁴⁴ Disponível em: <http://www.anacarmen.com/conquiste-a-rede/> Acessado dia 20/04/2008.

⁴⁵ Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-war-blogs.pdf>. Acessado dia 20/04/2008.

⁴⁶ Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-war-blogs.pdf>. Acessado dia 20/04/2008.

Para Recuero (2003), a tecnologia “proporciona mudanças”, de certo modo, com dicotomias na cultura na sociedade, os *blogs* podem ou não fazer jornalismo, mas cabe analisar a “pluralidade de informação”, o “potencial para debate” e se a “filtragem de informação na Internet” poderá ter incidência no jornalismo *on line* e na sociedade.

4 AS NOTÍCIAS PUBLICADAS NOS BLOGS ANGOLANOS

4.1 Metodologia de análise

A proposta de pesquisa, já esclarecida anteriormente, é desenvolver uma análise sobre a representação do continente africano nos blogs publicados por cidadãos angolanos. O objetivo principal desta pesquisa consiste em analisar como um continente pode ser representado por ferramentas que a mídia on line, precisamente os blogs, podem oferecer para a construção da realidade social. O objeto escolhido para a pesquisa foram dois blogs: “Angola minha Terra⁴⁷” e o blog “Desabafos Angolanos, da utopia para a realidade⁴⁸”. Os blogs estão sendo analisados desde o período da proposta do projeto, em setembro de 2007 encerrando-se em maio de 2008.

A escolha dos blogs justifica-se na medida em que a nova mídia está se popularizando e invadindo a cibercultura, agora chamada de “blogosfera” conforme observa Hugh Hewitt (2007). Surge uma tendência para um novo tipo de jornalismo, além do jornalismo *on line* oferecido diariamente. Pollyana Ferrari (2003) lembra que, para o jornalismo digital, não basta se ter apenas uma “boa reportagem”, ainda é preciso verificar o espaço na Internet, o “horário”, “como e onde publicar” e observa que, nesta mídia, as informações não são lançadas “aleatoriamente”, mas é preciso contemplar a técnica e, neste aspecto, o profissional necessita refletir sobre a informação em termos globais.

Algumas tendências no jornalismo têm sido categorizadas como “simplificadoras” do fazer jornalístico, entre elas, surgem os “blogs”, uma espécie de diário on line. Neles, escritores e leitores publicam mensagens, textos, vídeos, fotos e aproveitando algumas das possibilidades do meio que se caracteriza por sua linguagem hipertextual, ambos opinam e podem ser participantes da notícia.

Nos blogs, a linguagem é totalmente subjetiva, observa Hugh Hewitt (2007). “O blog é apenas um novo modo de transmitir essa escrita, um meio que ignora completamente todos os editores. O público é o editor”. (HEWITT, 2007, p.140).

Para a pesquisa dos blogs mencionados foram definidas categorias de análise tais como: aspectos de noticiabilidade, credibilidade, representação e recursos multimídia.

⁴⁷ Disponível em www.desabafosangolanos.blogspot.com.

⁴⁸ Disponível em www.angolaxyami.blogspot.com.

4.2 Análise Descritiva

4.2.1 Blog Desabafos Angolanos – www.desabafosangolanos.blogspot.com

Um dos blogs analisados tem o título “Angola da Utopia para a Realidade – Desabafos Angolanos”, localizado em www.desabafosangolanos.blogspot.com. Indicado para o prêmio “Repórteres sem fronteira”, está ativo desde o ano de 2005. O autor do blog não se identificou durante a pesquisa, mas enviou mensagens referentes à criação do blog⁴⁹.

Blog de desabafos, experiências cotidianas dignas de se partilhar por todos e para todos, de caráter sério, sem conotação política. Um espaço de crítica social. Para contribuir com algum “desabafo” escreva um texto em formato Word para: desabafosangolanos@gmail.com. Deverá mencionar se o texto é anônimo. Também podem enviar fotos de imagens insólitas. Nenhum post ou comentário deverá conter linguagem imprópria, difamação ou incentivar à violência.⁵⁰

O blog possui um espaço reservado na área esquerda com um link chamado “Imprensa”, com os principais jornais *on line* de Angola e da África, como fontes de informação, além de outro link chamado “TV e Rádio”, com alguns órgãos de comunicação também de Angola e da África, com referência às fontes utilizadas pelo blogueiro para divulgar as notícias.

Um novo formato para o jornalismo, destaca Hugh Hewitt (2007), é o blog, com seu conteúdo diversificado, opiniões, artigos, crônicas, reportagens, notícias diversas. A nova mídia surge com recursos multimídia, personalizados, interativos, memoriais e instantâneos (é o que se busca analisar nos blogs da pesquisa).

No blog “Desabafos Angolanos”, o que se pode observar é o uso da linguagem, com escrita não linear, que interliga as informações. As notícias são atualizadas, mas não

⁴⁹ O autor do blog: “Desabafos angolanos”, identifica-se como M.N, um jovem angolano com idade de 27 anos, nascido em Angola, filho de angolanos com descendência portuguesa. Ele reside em Angola, mas a formação acadêmica foi realizada em Portugal. Estudou Ciências Sociais, e diz se interessar por essa área, que foi o objetivo da criação do Blog,

⁵⁰ Disponível em: www.desabafosangolanos.blogspot.com. Acessado em 13/05/2008.

constantemente, percebe-se um espaço mediado entre as publicações, as atualizações não são realizadas regularmente, mas personalizadas de acordo com a subjetividade do blogueiro.

Quanto à interatividade entre o blogueiro e o usuário, não se pode mensurar, com precisão, pois nem todos os arquivos possuem comentários. Mas o que pode ser visto no documento refere-se à quantidade de acessos, o número de visitas globais e o número de visitantes *on line*. A interatividade poderia ser maior, uma vez que, embora haja um grande número de visitas, os comentários no blog ainda são escassos.

Conforme observa André Lemos (2001), a memória é resultado de uma “construção social” e esta é importante para a identidade social. No território virtual, a memória é essencial para o compartilhamento de informações. No blog “Desabafos Angolanos”, predominam arquivos com notícias do país. Os “desabafos” são arquivados desde 2005 e preservados até o ano atual, 2008. No que diz respeito à memória, o leitor pode recorrer a textos de reportagem, notícias e opiniões de diversos blogueiros e ainda contextualizar as informações. A multimídia é usada na maioria das matérias, mas os recursos de maior destaque são os fotográficos, gráficos e alguns desenhos.

O blog é personalizado, ele visa criar um debate entre os cidadãos angolanos, o governo e membros de organizações não governamentais, é uma espécie de “desabafo”, conforme o próprio nome sugere. A interatividade poderia ser mais bem utilizada, há espaço para perguntas e respostas, comentários, porém poucos usuários buscam esse recurso que é fundamental para a manutenção do blog, que tem como objetivo se tornar um espaço para discussão e formação da opinião pública.

4.2.2 Blog Angola Minha Terra – www.angolaxyami.blogspot.com

O blog “Angola Minha Terra” está disponível desde 2004. Ele foi relançado no dia 17 de janeiro de 2008. Os leitores eram entre 100 e 120 diários, nos primeiros anos. “Angola xyami” agora conta com pouco mais de 1000 leitores que o acessam diariamente. É considerado um dos melhores blogs para informar sobre Angola e o continente africano, com notícias gerais da cultura africana. “Um lugar de diálogo, de reflexão e de livre expressão, o preto no branco, o que os angolanos querem de Angola. O

que eu posso fazer por Angola. Uma frase, uma idéia, um impulso para um possível agir. Angola vai vencer”⁵¹.

Entre os atrativos do blog, estão endereços de alguns sites com informação do continente africano, como www.angolaxyami.com e fóruns de discussão: www.forum.angolaxyami.com. No blog o recurso multimídia é bastante usado com galerias de fotografias do país, músicas típicas da cultura angolana, acesso à rádio, vídeos; temas como cultura e entretenimento, poesias, frases, além de matérias, reportagens e um espaço interativo para os usuários e visitantes. Este últimos podem se cadastrar no chat disponível no blog.

O blog possui um espaço referentes a links dos principais jornais angolanos e outro destinado aos recursos do próprio blog chamado: “Mais angola xyami”. A memória textual é guardada em arquivos de textos, vídeos, fotos e diversas imagens desde sua criação em 2004.

Um recurso usado no blog são as editorias presentes nos textos jornalísticos, como: política, opinião, curiosidades, crônica, cultura, entretenimento, assuntos religiosos, mundo, arte e design, economia, desporto, educação, viagens, ciência e tecnologia, saúde, lei, ética e moral, personagens, África hoje além de outros blogs relacionados ao continente africano.

4.2.3 Critérios de noticiabilidade

Conforme Mauro Wolf (1999) são adotados critérios de noticiabilidade para um acontecimento tornar-se notícia no meio jornalístico. Nas redações jornalísticas, existem os chamados “*gatekeepers*”, responsáveis pela “filtragem” de informação. No mundo virtual dos blogs, não existe um critério pré-estabelecido para algo ser considerado notícia, pois o que será publicado depende simplesmente do critério de ordem subjetiva, estabelecido pelo blogueiro. Cabe a ele analisar o que deverá ser veiculado na mídia para ser discutido pelos demais. Conforme Hugh Hewitt (2007) observa, qualquer pessoa pode postar um comentário e se o mesmo merece ser lido ou desconsiderado será uma decisão

⁵¹ Disponível em: www.angolaxyami.blogspot.com. Acessado em 13/05/2008. Foram feitos inúmeros contatos com mensagens enviadas no blog afim de conseguir informações sobre o histórico e a criação do mesmo, porém não obtive nenhum dado concreto e relevante para o desenvolvimento deste trabalho.

do blogueiro. “O blog é apenas um novo modo de transmitir essa escrita, um meio que ignora completamente todos os editores”.(HEWITT, 2007, p.140).

A linguagem usada nos blogs apresenta expressões como neologismos, coloquialismos e gírias no decorrer dos textos. No entanto, a linguagem não deixa de ser clara e objetiva para o leitor. Nota-se uma linguagem que pode ser assimilada por todos os níveis culturais que desejam acessar os blogs e opinar. “Luanda foi desenhada para 500 mil pessoas. Tem hoje mais de cinco milhões. Nada flui. Só os mil esquemas que a rua oferece. Aliás, vende. Nada é de graça. Só os limitados conhecem como são duros os limites.⁵²”

Pinho observa que, na internet, a informação não tem restrição quanto ao público, não existem “filtros”. Até mesmo com relação aos custos de produção e veiculação, a internet é “pouco dispendiosa”. (PINHO, 2003, p.53).

As reportagens e informações publicadas nos blogs sobre o continente africano, mais especificamente o país Angola, serão analisadas no item referente “a representação das notícias nos blogs”, mas os textos publicados já foram observados durante a pesquisa, tratam-se de artigos contextualizados, como reportagens com links indicando as fontes em outros sites de notícias *on line*, matérias relativas ao governo, denúncias, investigações, cultura, arte, entretenimento, depoimentos de pessoas que conheceram o país. Quase tudo é lícito na blogosfera, tudo o que se integra à cultura, ao aspecto social do país que as pessoas desconhecem, ou poucos conhecem da África, como observam Ana Mônica Lopes e Luiz Arnault (2005), pode ser mais bem entendido neste universo interativo, em que não há um critério rigoroso de noticiabilidade. O espaço oferecido pela rede, observa Manuel Castells (1999) torna-se global e mais autônomo. As redes de comunicação podem se conectar de forma rápida com instantaneidade.

4.2.4 Credibilidade das notícias nos blogs

O jornalismo é um fator social e para se concretizar como formador de opinião pública precisa informar ao cidadão, com credibilidade, para que o sujeito organize seu mundo, formando sua opinião de acordo com a realidade social que lhe é mostrada. Para

⁵² Disponível em: www.angolaxyami.blogspot.com/2007_12_23_archive.html. Acessado em 16/05/2008.

isto, é necessário uma boa apuração das informações para que a notícia tenha um valor na sociedade. Além disso, o autor Hugh Hewitt (2007) observa que, nos blogs, as atualizações diárias são necessárias para a credibilidade da notícia.

Conforme define Mauro Wolf (1999), as fontes são primordiais para a “qualidade da informação”, estas são representadas no objeto de estudo. Elas derivam de pressupostos implícitos ou de considerações relativas aos fatores relacionados ao conteúdo da notícia. Como mencionado anteriormente na descrição do blog, existem links com os principais jornais *on line* de Angola e da África, o que pode ser citado como um critério para o reforço da questão da credibilidade.

Nas reportagens publicadas nos blogs, notam-se a divulgação das fontes usadas. Geralmente foram sites das notícias do país, com algumas observações e opiniões dos autores dos blogs, matérias enviadas por “amigos blogueiros” e publicadas junto com as fontes, muitas delas envolvem órgãos do governo angolano. Mesmo os depoimentos trazem citadas suas fontes, alguns (poucos), não se identificam nos blogs, apresentam-se ao deixarem suas opiniões como “anônimo”. A credibilidade é visualizada nos blogs na medida em que os cidadãos podem interferir na notícia e opinar. “O público está se transferindo rapidamente para a blogosfera. A blogosfera é um universo de informação assim como as redes de televisão, os jornais, os programas de rádio”. (HEWITT, 2007, p.149).

4.3 Representação da Angola nos Blogs

4.3.1 Representação das notícias no Blog “Desabafos Angolanos”

A diferença fundamental entre sites e blogs é a autenticidade e a credibilidade conquistada. Os sites não irão a parte nenhuma. Participam da explosão de informação, mas a diferença entre um blog confiável e um site é a mesma entre um anúncio no quarto caderno do jornal local e uma conversa com o editor daquele jornal sobre em que vizinhança comprar ou a que filme assistir. (HEWITT, 2007, p.163).

A pesquisa pretende mostrar a representação das notícias do continente africano nos blogs angolanos publicados por cidadãos que já viveram ou vivem em Angola. Foram selecionadas algumas matérias, inseridas como exemplo na análise.

Em uma quinta-feira, no dia 27 de março de 2008, o blog “Desabafos Angolanos” publicou uma reportagem sobre a mortalidade infantil em Angola. A matéria foi divulgada no Blog com uma das principais fontes de notícias do país, o “Jornal de Notícias”. Nela, aparecem notícias veiculadas a informações do governo, do ministério da Saúde de Angola com dados recentes do UNICEF, registrando um índice alto de mortalidade infantil. A matéria, com o título “Mortalidade Infantil em Angola” – Desvalorizados dados da Unicef, diz o seguinte:

O porta-voz do Ministério da Saúde de Angola desvalorizou o relatório da Unicef que coloca o país no topo da lista da mortalidade infantil no mundo, argumentando que os dados utilizados “são bastante antigos”. (...). O fato de Angola ter saído de uma guerra prolongada há apenas cinco anos é apontado pelas autoridades angolanas como um fator responsável pelos maus resultados. Ontem, o primeiro ministro, João Batista Kussumua, defendeu a idéia de que a situação da saúde no país continua a exigir esforços para melhorar o cenário.⁵³

No sábado, dia 8 de março de 2008, uma reportagem com o título em inglês: “*Children doomed to die*”, que significa: “Crianças Condenadas a morrer”, foi publicada no blog. A fonte usada foi o jornal gratuito de Londres chamado “Metro”. O blogueiro postou a reportagem junto com um e-mail que ele recebeu com críticas a matéria. A crítica dizia o seguinte:

Quanto ao artigo “*Children doomed to die*”, quer dizer “Crianças destinadas a morrer”, resume-se que: esforços para reduzir o número de mortes de crianças no mundo em desenvolvimento está destinado a fracassar. Países como Angola, rico em petróleo, merecem ser apontados para críticas devido o contínuo fracasso. Diz ainda que em Angola a taxa de mortalidade de crianças menores de 5 anos é de 260 em 1000, que é 162 vezes mais (mortes) do que devia ser pelo tamanho da economia do País. Angola é o pior país do mundo, seguido logo pela Serra-Leoa.⁵⁴

⁵³ Disponível em: www.desabafosangolanos.blogspot.com. Acessado em 15/04/2008.

⁵⁴ *Idem*.

Logo após a crítica, um comentário foi postado: “É triste a nossa Angola, e ainda fartamo-nos de ouvir que as crianças são o futuro do país... será?”

No mês de dezembro no dia 25, foi publicada no blog uma matéria com o título: “Luanda de luxo, o luxo na miséria dos angolanos⁵⁵.” Essa reportagem faz uma crítica ao país com suas ambigüidades políticas e sociais, que estabelece diferenças sociais ao caos econômico que predomina em Angola: por um lado riquezas petrolíferas, diamantes, e paradoxalmente a miséria social é um fator que predomina em sua história.

No dia 22 de fevereiro de 2008, uma música intitulada “Ku Duros” que hoje faz parte da cultura angolana, causou polêmica na blogosfera. O autor postou um artigo que estava circulando na Internet de autoria de Tchizé dos Santos, jornalista e filha de José Eduardo dos Santos, presidente de Angola, ela criticava a letra da música do cantor angolano Dog Murras, que fala do país com agressividade, mas de acordo com o blogueiro a música apenas retrata uma realidade angolana. O artigo de Tchizé dos Santos, em resposta à música do Dog Murras, dizia o seguinte:

(...)Ninguém gosta de ser lembrado que vive num país com dificuldades, estradas esburacadas, paludismo e outros problemas, aos quais estão expostos todos os angolanos, ricos e pobres. Todos passamos pelos mesmos buracos e todos sofremos no mesmo trânsito no dia-a-dia, Ricos e Pobres. (...) E para esquecer as “malambas”, então juntamo-nos ao fim-de-semana e dançamos os Kuduros do momento que geralmente, esperamos que nos entretenham e nos façam esquecer os problemas, ao invés de nos frustrar ainda mais. Sejamos unidos, ouçamos as críticas do Dog Murras, sem, entretanto, interpretá-las como um estímulo ao racismo, nem à desunião dos angolanos, pois com certeza não é essa a intenção do poeta.⁵⁶

Logo após a postagem do artigo no blog, surgiram diversos comentários e críticas à jornalista. “As mais diversas formas de manifestações culturais estão aí, inclusive as importadas, vamos aos “rappers” e sua música de protesto, não discordo, mas quero ver a prática de sua mensagem por eles mesmos, (...) Exija do governo” (AJSantana).⁵⁷

No dia 18 de fevereiro de 2008, uma reportagem foi publicada com o título: “Escritor angolano recebe prêmio em Portugal”. A fonte usada pelo blogueiro foi um

⁵⁵ Disponível em: www.angolaxyami.blogspot.com/2007_12_23_archive.html. Acessado em 15/04/2008.

⁵⁶ *Ibidem*.

⁵⁷ *Ibidem*.

artigo divulgado no site “Casa das Áfricas”, em que é concedido um espaço para cultura africana. No link, o leitor pode clicar na imagem e visualizá-la em um formato maior.

Em 3 de fevereiro de 2008, foi inserido um link com o jornal “Valor” on line (em 26 de outubro de 2007), cujo título do texto no blog era: “O que escreve o Mundo sobre nós”⁵⁸. A reportagem trazia uma matéria indicando Angola como um país onde falta tudo em termos sócio-econômicos, porém a reportagem dizia que o petróleo é o principal atrativo para outros países investirem em Angola. Alguns problemas e desigualdades do país são citados no blog, como por exemplo, o trânsito sem sinalização, os hotéis sem conforto, carros importados que desfilam nas ruas sem asfalto, a falta de saneamento básico, as “lojas ambulantes”. “A guerra civil que aniquilou o país terminou em 2002 e a reconstrução entrou na ordem do dia, movida a “petrodólares”. Dos 31,3 bilhões de usd exportados no ano passado, o petróleo respondeu por 96%”.⁵⁸

Um “desabafo” diferente foi publicado no blog no dia 25 de Janeiro de 2008. A reportagem mostrava uma homenagem a um político de Angola, o ministro das finanças José Pedro Morais:

Em meu nome, como cidadão angolano, agradeço ao Senhor ministro e a sua equipe pelos feitos alcançados até aqui, pela dedicação a nação e pela competência com que exercem o cargo. Que Deus conceda muita saúde para continuarem a dirigir cada vez mais e melhorar as finanças do país, de uma forma clara e honesta como até aqui tem feito.⁵⁹

Em um artigo postado no dia 10 de dezembro de 2007, uma jovem angolana que foi morar em Portugal, enviou um e-mail relatando a sua experiência e as distinções culturais entre os países. “O retrato dela é autêntico na medida em que é espontâneo(...). Talvez outros possam fazer o seu próprio retrato de Angola e ter coragem de o partilhar também.”⁶⁰ No depoimento enviado pela jovem, ela se refere ao país como um local de divergências sociais, preconceitos econômicos, um país rico e pobre simultaneamente, racista e desabafa no blog dizendo que o governo possui muito recursos para estabilizar Angola, desde o cessar da guerra civil, porém os interesses dele são outros

⁵⁸ *Ibidem.*

⁵⁹ *Ibidem.*

⁶⁰ *Ibidem.*

e não visam ao desenvolvimento do país e o fim das disparidades entre os “ricos e pobres”.⁶¹

4.3.2 Representação das notícias no Blog “Angola minha Terra”

Em reportagem publicada no “Angola minha Terra”, no dia 15 de março de 2008, a notícia foi o aumento do salário mínimo em Angola. O título da matéria era: “Salário mínimo angolano sobe mais 100% em cinco anos, Mapess, Luís Machado”. O salário mínimo em Angola valorizou-se desde 2003, um ano depois do cessar da guerra civil que há 26 anos eclodia em todo o país:

Este aumento, segundo Luís Machado, vem representar o poder de compra em função daquilo que são as reais necessidades e anseios dos trabalhadores públicos. O diretor informou que, a partir de 2002, em Angola passou a vigorar um princípio segundo o qual a inflação esperada fosse inferior, ou superior à inflação real e que a diferença deve ser incluída no ano seguinte para manter o princípio do poder de compra.⁶²

Em reportagem publicada no dia 4 de março de 2008, o blog Angola Xyami postou uma matéria referente a corrupção no país. “Brasil: Acabar com a corrupção pode conscientizar a sociedade? Qual exemplo para Angola”?

Este artigo foi publicado a título de informação. São experiências de países que vivem a democracia há mais tempo e podem ajudar Angola a crescer. Não existe uma democracia perfeita, cada país tem os seus problemas, mas alguns como Angola têm maiores problemas frutos da própria história. Esperamos que depois de leres possa deixar o teu ponto de vista e sugerir-nos outras temáticas concernentes a este. Mande-nos fotos, artigos, links, aquilo que poderes⁶³.

No dia 20 de fevereiro de 2008, foi postada uma matéria sobre escravidão. O título era: “Tempos de mudança de mentalidade de escravo, o complexo de inferioridade ainda prospera em Angola”. A matéria trazia a opinião do blogueiro: “O complexo de inferioridade ainda próspera em muita gente na nossa sociedade e mesmo (infelizmente),

⁶¹ *Ibidem*.

⁶² Disponível em: www.angolaxyami.com/Economia-/Salario-minimo-angolano-sobe-mais-de-100-em-cinco-anos-Mapess-Luis-Machado.html Acessado em 15/05/2008.

⁶³ Disponível em: www.angolaxyami.blogspot.com/2008_04_06_archive.html. Acessado em 15/05/2008.

para muitos que têm ou tiveram a Possibilidade de viverem por muito tempo em países desenvolvidos.⁶⁴

Na seção de saúde do blog, no dia 9 de março de 2008, foi publicado uma reportagem sobre a mortalidade infantil em Angola. O Título era: “Índice de mortalidade materna e infantil continua alto em Angola⁶⁵”.

Dentre as causas de morte mais frequentes, segundo realçou a diretora, constam as hemorragias, a eclampsia, que são os transtornos hipertensivos da gravidez, a rotura uterina, que surge em consequência de um parto prolongado, bem como as infecções e a malária. (...) O compromisso do governo para a elaboração do plano estratégico de redução acelerada da mortalidade materna e infantil, assim como de um roteiro angolano para acelerar a redução da mortalidade materna neonatal, com implementação de cuidados primários de saúde, com ênfase para a atenção materna e infantil, tem sido reafirmado, principalmente a nível do Ministério da Saúde⁶⁶.

No dia 4 de abril de 2008, foi comemorado o aniversário da paz em Angola.

Num ano em que os angolanos se preparam para escolher os seus representantes no Parlamento, nas eleições legislativas de Setembro próximo, a nação angolana comemora hoje, sexta-feira, seis anos desde que o seu povo venceu a guerra e conquistou a paz definitiva para o país. Aos 04 de Abril de 2002 as Forças Armadas Angolanas “FAA” e as forças militares da Unita rubricaram o acordo de paz que veio pôr fim ao conflito armado reinante no país há mais de duas décadas⁶⁷.

Em 18 de Março de 2007, o blogueiro publicou uma matéria com o título: “Angola, Direitos Humanos, Crise na Somália, Televisão Pública de Angola, China e as futuras guerras em África”. Com o subtítulo: “Angola eleita para conselho dos direitos humanos da ONU”. A divulgação deste conteúdo no blog gerou 23 comentários.

Dia 10 de março de 2007, a publicação foi sobre o vírus HIV. O título da reportagem: “Ações Unidas elogiam políticas angolanas de combate ao vírus SIDA” “Angola é um dos quatro países da África com estruturas sérias e aceitáveis contra a

⁶⁴ Disponível em: <http://www.angolaxyami.com/Opinioao/Tempos-de-mudanca-de-mentalidade-de-escravo-o-complexo-de-inferioridade-ainda-prospera-em-Angola.html>. Acessado dia 16/05/2008.

⁶⁵ Disponível em <http://www.angolaxyami.com/Lei-etica-e-moral/Brasil-Acabar-com-a-corrupcao-pode-conscientizar-a-sociedade-Qual-exemplo-para-Angola.html>. Acessado em 16/05/2008.

⁶⁶ Disponível em: <http://www.angolaxyami.com/Saude/Indexe-de-mortalidade-materna-e-infantil-continua-alto-em-Angola.html>. Acessado em 16/05/2008.

⁶⁷ Disponível em: http://angolaxyami.blogspot.com/2008_03_30_archive.html. Acessado em 14/04/2008.

doença ao implantar por todo o país unidades de atendimento, aumentando desta forma o número de acolhimento, tratamento e educação aos que procuram o seu serviço⁶⁸. A reportagem registra as Nações Unidas como o órgão responsável pelos dados da matéria.

“Água mais cara na periferia de Luanda” foi o título dado à matéria no dia 28 de junho de 2007. A reportagem, divulgada com fontes do governo e do apostolado, denuncia o descaso nos bairros da periferia no sul da capital. “Os comerciantes de água que o fazem através de caminhões e cisternas elevaram o preço do produto em Luanda⁶⁹”.

“Universidade católica inaugura campus em Angola”, título referente ao desenvolvimento na educação em Angola, termo pouco pronunciado na mídia. A matéria fala sobre os investimentos no país em educação⁷⁰.

4.3.3 Narrativa jornalística nos Blog

Os blogs “Angola minha terra” e “Desabafos angolanos”, apresentam as características apresentadas por Mauro Wolf (1999) quanto aos “critérios de noticiabilidade”, referindo-se aos estudos do “Newsmaking”, mais especificamente aos “critérios relativos ao produto”. Para o autor essa função no jornalismo explica-se em termos de procedimentos produtivos, as organizações e técnicas para o acontecimento tornar-se notícia. Embora, como Hugh Hewitt (2007) afirma, nos blogs, todos podem escrever o que desejam, sem um editor específico, é preciso ressaltar que durante a análise de conteúdo, as notícias mais publicadas sobre Angola dizem respeito à fome, miséria social, a Aids, malária, poliomelite, marginalização social, mortalidade infantil. Em outros aspectos, foram divulgadas notícias que refletem a riqueza predominante no país, como o petróleo e o diamante.

Poucas eram as notícias culturais, referentes ao território angolano, com temas relacionados a músicas, danças, tradições, religião, costumes, festas. Em trinta notícias postadas nos blogs, constatou-se que seis eram relativas à cultura, dez, relacionadas a

⁶⁸ Disponível em: http://angolaxyami.blogspot.com/2007_07_01_archive.html. Acessado em 14/04/2008.

⁶⁹ Disponível em: http://angolaxyami.blogspot.com/2007_03_04_archive.html. Acessado em 14/04/2008.

⁷⁰ Disponível em: http://angolaxyami.blogspot.com/2007_05_20_archive.html. Acessado em 14/04/2008.

entretenimento e quatorze eram matérias referentes aos aspectos econômicos, políticos e sociais.

Mauro Wolf (1999) exemplifica que “quanto maior, mais insólito ou mais sangrento é o espetáculo maior é o valor notícia” (WOLF, 1999, p.207). Isso se reflete nas notícias publicadas nos blogs que representam Angola como “o país dos oprimidos”, atormentado por 26 anos de guerra civil, um país que precisa de ajuda, uma Angola carente em termos sociais, econômicos e sem direitos políticos. Para algo se tornar publico, no caso das notícias dos blogs, é importante incluir temas com caráter ideológico, com fins noticiosos, ou seja, acontecimentos que relatam fatos inusitados ou matérias sobre a nação angolana, com interesse público.

Um recurso utilizado pelo blogueiro ganha credibilidade na medida em que as fontes usadas para a publicação de notícias referem-se a sites de jornais das notícias angolanas, como na reportagem publicada no dia 3 de fevereiro de 2008 no Jornal Valor Notícia e postada no blog “Desabafos Angolanos”. O título era: “O que escreve o Mundo sobre nós.⁷¹” A reportagem trazia uma matéria indicando Angola como um país carente em termos sócio-econômicos e, paradoxalmente, dizia que o petróleo é o principal atrativo para os outros países investirem em Angola. Outra reportagem postada no blog “Angola minha Terra” no dia 20 de fevereiro de 2008 comentava os efeitos do longo período em que sua população foi obrigada a sujeitar a escravidão. O título era: “Tempos de mudança de mentalidade de escravo, o complexo de inferioridade ainda prospera em Angola⁷²”.

Por um lado, nota-se a credibilidade da fonte publicada, geralmente são utilizados dados de matérias de sites do jornalismo digital em Angola ou de reportagens veiculadas por outras mídias on line. Por outro lado, percebe-se a falta de opinião do blogueiro, ele divulga as fontes, publica os textos, mas poucos são os comentários feitos por ele e visitantes. Essa ausência lembra que Hugh Hewitt (2007) defende a organização e o caráter investigativo do jornalismo dentro da blogosfera, um espaço instituído para a argumentação e uma crítica dialética sobre diversos assuntos.

⁷¹ Disponível em: www.angolaxyami.blogspot.com. Acessado em 17/05/2008.

⁷² Idem.

Nos blogs, alguns comentários são postados, mas poucos são respondidos. O acesso à informação é grande, os links sobre Angola e o continente africano são diversos. O espaço multimídia é rico, com reportagens, vídeos, fotos do país⁷³. Com relação a este aspecto, pode-se considerar o que Wolf (1998) analisou sobre os “critérios relativos ao meio de comunicação”, no qual quanto mais a presença de imagens com forte apelo visual são relevantes para atrair o leitor.

Porém, os blogs publicam notícias e mensagens elaboradas em outras mídias, como jornais on line. Portanto, é possível observar outra característica do que Mauro Wolf (1999) chama de um paradigma da hipótese do “Agenda Setting”. Essa hipótese relata que os meios de comunicação de massa fornecem aos indivíduos informações sobre o que se deve pensar e assim, eles determinam a formação de uma realidade social. Ou seja, a mídia funciona como um mecanismo de empréstimo ao sujeito que, por meio de uma “agenda”, pauta os assuntos oferecidos pelos blogs, por exemplo. Os blogs funcionam como um auxílio para a formação da opinião pública.

A construção da realidade social é observada nos blogs. Assim como opina Homi K. Bhabha, (1998), “o povo” constrói a sua realidade, a sua identidade e pode se organizar no tempo e no espaço, processo denominado por Bhabha de “reorganização dialética”, em que o sujeito “constrói a sua cultura”, agregando-se à modernidade.

A cultura instituída na blogosfera é ambígua, pois sua produção é referencial. O blogueiro observa alguma notícia em jornais, revistas e outras mídias, mas também pode, obedecendo a critérios mais subjetivos, inserir poesias, crônicas e artigos aleatórios. Como Homi K. Bhabha lembra, os conflitos na cultura existem quando há mudanças no cotidiano das comunidades, tribos, nações. Nesse sentido, é válido lembrar que os blogs não possuem uma linha editorial, um roteiro cronológico a ser seguido para postarem informações sobre Angola e o continente africano. Seus responsáveis publicam o que desejam, sem haver, necessariamente, uma ordem no que será postado no dia seguinte ou no próximo mês. Como exemplo tem-se o blog “Desabafos Angolanos”, que fez suas postagens no dia 30 de março, o próxima postagem foi no mês de abril no dia 14, logo em seguida foi inserida uma reportagem no dia 17 de abril, e a outra foi publicada no dia 13 de maio, e a última atualização foi no dia 22 de maio de 2008.

⁷³ Disponível em: www.angolaxyami.com/foto/displayimage.php?album. Acessado em 18/05/2008.

Portanto, a interpretação de uma certa realidade social permite várias articulações para a elaboração de uma identificação cultural. Os blogs são uma forma de representação e interpretação de uma realidade, mas é sempre bom lembrar que “as coisas tem o significado que queremos dar”. (GEERTZ, 1998, p. 116).

As novas tendências ao jornalismo digital e os mecanismos disponíveis na blogosfera surgiram com a crise estrutural imposta pela globalização.

A globalização implica um movimento de distanciamento da idéia sociológica clássica da “sociedade” como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço.” (GIDDENS *apud* HALL, 2001, p.68).

Hall conclui dizendo que em geral, os países chamados “modernos” fazem parte de um “hibridismo cultural”. Neste aspecto, entra o processo de globalização por meio da identificação cultural da integração entre “nações”, novas “comunidades” e “organizações”, em que o mundo pode interagir e se “interconectar”. Assim o mecanismo de comunicação existente nos blogs permite uma conexão maior entre diversos participantes, todos (desde que participantes do universo digital) podem visitar, comentar, e sugerir “pautas” e notícias para o blog.

Hall observa que “identidade” está inserida na “representação”, por isso, ao longo do tempo, as novas formas culturais surgem com novas identidades.

Sobre o aspecto global, a sociedade está inserida em um ambiente cada vez mais midiaticizado, informações são divulgadas em um curto tempo e comprimindo grandes espaços. Para Hall, os meios de comunicação se “interligam” em termos globais, o individuo pode escolher diversas informações chamadas por Hall de “identidades” cujo sujeito uma relativa liberdade para escolher a que melhor lhe é exposta. “Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho que contribuiu para esse efeito de supermercado cultural”. (HALL, 2001, p.75)

Paradoxalmente, Hall opina que o fenômeno da globalização também tende a se “homogeneizar”. Porém, também há o aspecto de interesse “local” e “global”. “A globalização é muito desigualmente distribuída ao redor do globo, entre regiões e entre diferentes estratos da população dentro das regiões”.(HALL, 2001, p78).

Nos blogs analisados, o que se pode visualizar é a tendência a homogeneização das notícias, o formato, as imagens. Para Hewitt (2007), o que acontece hoje nos meios de comunicação é uma “revolução na informação” (HEWITT, 2007, p.17). Ele comenta que a distribuição de conteúdos na rede é mais ampla, com diversas fontes, novas possibilidades que podem ser observadas no fenômeno da “blogosfera”, uma “infestação blogueira” (HEWITT, 2007, P.30).

Ele observa que a tendência é a prática de um jornalismo de “fonte aberta na nova mídia”. A blogosfera funciona de maneira rápida, fornecendo informações com opiniões e diversas interpretações e possíveis alternativas, é uma conversa na mídia. Na opinião de Hewitt tudo será planejado para influenciar um grande número de usuários da rede, pois o impacto que se tem nos blogs na vida comum em sociedade é relevante para a formação da opinião pública, da realidade social, no comportamento social do indivíduo.

Hewitt (2007) defende que os blogs são precursores de ajuda no jornalismo, pois eles oferecem conteúdo “investigativo”, concedendo mais oportunidades para promover uma dialética dos acontecimentos jornalísticos.

5 CONCLUSÃO

Depois de identificar os conceitos sobre representação cultural, globalização, a influência da mídia para a formação da realidade social do indivíduo, percebe-se que os blogs analisados se enquadram no estudo realizado por autores como Berger e Luckman (2001), Geertz (1998), Bhabha (2001), Stuart Hall (2001), Thompson (1998), Peter Fry (2005), Mauro Wolf (1998) e Hugh Hewitt (2007).

A cultura é uma forma de representação social, conforme Berger e Luckman, e a mídia pode influenciar neste padrão representativo de acordo com os estudos de Thompson. Através da pesquisa realizada, pode-se constatar que a representação social da realidade do continente africano deve-se a um “empréstimo” dos meios de comunicação de massa, conforme Mauro Wolf (1998).

Ao analisar a representação de Angola em blogs publicados por cidadãos angolanos, deve-se repensar os processos de independência de Angola, as questões históricas e culturais que envolveram o país durante os 26 anos de guerra civil. O que se

pôde observar durante a pesquisa foi a forma de representação realizada desde suas origens internas, mostrando conflitos étnicos e religiosos, a pobreza e a explícita desigualdade social. Por um lado, a riqueza do petróleo e dos diamantes, mas pouco publicados nos blogs, por outro lado, a persistente miséria social e os inúmeros conflitos políticos e econômicos.

Nos blogs “Desabafos Angolanos” e “Angola Minha Terra”, a imagem de Angola é feita como um país miserável em termos sociais e econômicos, com um grande índice de mortalidade infantil, como um país que necessita da ajuda de outras nações. O que é exaltado em Angola são os problemas no trânsito nas ruas, falta de saneamento básico, o descaso das autoridades políticas que governam o país, a Aids, Malária, Poliomelite, a Anemia Falciforme que a mídia mostra como uma doença predominante do negro. Questões relativas à beleza são mostradas, porém no blog: “Angola Minha Terra”, percebe-se que existem fotos de diversas “modelos” angolanas, todas elas sem uma das pernas, amputadas devido as minas existentes nos campos estratégicos de ataques no país.

As questões raciais tornam-se proeminentes ao longo da história do país, os links mostrados na mídia são referentes a matérias que acompanham a luta pelos direitos civis, a democracia racial, exclusão social, racismo, desigualdade, a marginalização do negro desde os tempos da escravidão. Pode-se perceber que os blogs publicam algumas matérias que se referem à cultura de Angola como a religiosidade, os rituais de feitiçaria com algumas lendas referentes a torturas, mortes. Músicas também são destacadas nos blogs que mostram danças e cantores com vídeos e informações postadas. As reportagens, artigos e matérias configuram a imagem de um país “ainda colonizado”, alvo de conflitos persistentes, que extrapolam os 26 anos de guerra civil.

A representação de Angola é ainda de um país de refugiados, de instabilidade política e econômica, com deslocamentos populacionais, que foram intensos ao longo de sua história e lembrados nos dias atuais. Pouco é mostrado nos blogs sobre o sistema de educação. Essa busca contínua pela memória angolana, seus aspectos simbólicos são integrados para mostrar a representação da realidade social para a sociedade.

Wolf (1998) destaca a premissa da hipótese da *Agenda Setting* na qual os meios de comunicação fornecem ao indivíduo um “empréstimo” do que eles devem estar informados e participam da formação de sua percepção crítica do mundo. As divisões em categorias fornecidas pelos blogs, com links e reportagens com fontes de outros meios de

comunicação, como jornais online de Angola, são dados que descrevem a dependência do indivíduo nos “mass media” para a formação da realidade social. Os próprios blogueiros que possuem uma independência, ou seja, podem publicar o que desejam, não o fizeram uma vez que boa parte das postagens era realizada pelo “empréstimo” de outros meios de comunicação com matérias e notícias de outras fontes jornalísticas, fato que supõe envolver o reconhecimento da questão da credibilidade dos blogs. Wolf (1998) observou que as informações escritas fornecem uma importância mais sólida e eficaz para a representação da realidade social.

A quantidade de informações pertinente a Angola como sendo um país na busca de democracia e igualdade social realça a hipótese de Wolf (1998) sobre modo de “hierarquizar” e “tematizar” os acontecimentos de relevância social. A repetição das notícias relativas a temas sócio-econômicos de Angola, retoma a idéia de Wolf de que quanto maior a frequência com que um acontecimento é referido na mídia, maior é o seu grau de importância. Neste sentido, os leitores devem estar atentos para interpretação dos fatos e constituição de sua percepção da realidade social.

Para Wolf, quanto mais informação maior é a visão do sujeito sobre a realidade social. O fato de muitas notícias históricas referentes ao continente africano e toda a história angolana serem postadas nos blogs contribui para o sujeito memorizar as informações e desenvolver sua interpretação.

As notícias postadas nos blogs expõem problemas relativos ao país. Para Wolf, um órgão de informação deve se valer de acontecimentos “interessantes”. Em sua pesquisa sobre o *Newsmaking*, ele avalia as rotinas produtivas no jornalismo, a cultura dos profissionais da área. Para Wolf, existem os “valores-notícia”, que tornam ou não um acontecimento uma notícia. Portanto, o interesse público, o nível hierárquico dos envolvidos torna um acontecimento noticiável, isso explica o porquê dos blogs postarem notícias relativas à morte, corrupção do governo, guerra civil, mortalidade infantil, doenças e direitos humanos. Neste aspecto, Wolf lembra os critérios relativos ao impacto da nação. As notícias que comovem o leitor promovem repercussão gerando o interesse nacional, assim como o número de envolvidos, aspectos relevantes para dar visibilidade a um acontecimento.

Os desdobramentos futuros de uma notícia também fazem parte dos critérios de valores-notícia, por isso, assuntos relativos a doenças como Aids, malária, ou questões

políticas, como corrupção, os 26 anos de guerra civil angolana, são assuntos retratados nos blogs. A duração prolongada de tais eventos configura-se como vetor de inserção em assuntos atuais. “Quanto mais insólito ou mais sangrento é o espetáculo, maior é o valor-notícia”. (WOLF, 1998, p.207).

O processo de representação do continente africano nos blogs publicados por cidadãos angolanos mostra-se interativo, na medida em que os leitores fazem comentários de algumas notícias, a credibilidade é perceptível devido ao atributo nas reportagens as fontes jornalísticas. Pode-se verificar um conteúdo jornalístico integrado aos mecanismos da “blogosfera”, várias opiniões podem ser postadas, um debate virtual pode acontecer na medida em que os blogueiros interagem, mas nem sempre isso acontece. Através dos blogs, pode-se conhecer o continente africano, graças à convergência de mídias, com imagens, fotos, vídeos e textos diversos.

Finalizando a pesquisa, o reconhecimento da importância da sociedade da comunicação na atualidade, como característica primordial da modernidade tardia, permite maior interação entre os sujeitos de diferentes culturas. A globalização exerce um poder de influência entre os povos, fornecendo novos padrões sociais comunicativos. Com a revolução tecnológica, surge uma sociedade que promove outras formas de interação social. A representação fornecida pelos dois blogs analisados refere-se a um continente alvo de muitos conflitos, que no decorrer de sua história não conseguiu ainda solucionar seus graves problemas sociais. As divergências políticas, sociais e econômicas ainda persistem.

O governo brasileiro tem investido na aproximação com o continente africano na busca de estabelecer relações diplomáticas para o desenvolvimento de países africanos, como Angola, porém essa informação não foi destaque nas reportagens publicadas nos blogs. O país rico em petróleo e diamantes é ainda “desconhecido”, conforme Ana Mônica Lopes e Luiz Arnault (2005). Angola, uma ex-colônia portuguesa e o Brasil, também ex-colônia, fazem parte de um processo histórico e cultural integrado por sistema paradoxal onde são representados com riquezas, porém com muita desigualdade social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANA MÔNICA LOPES E LUIZ ARNAUT. **História da África**. Crisálida. Belo Horizonte, 2005.

ANGOLA XYAMI. Disponível em: <<http://www.angolaxyami.blogspot.com>. Acessado em 16/11/2007.2008.

BASIL, Davidson. **Os africanos: Uma Introdução à sua História Cultural**. Jorge Zahar, editor, Rio de Janeiro. 1969.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização. As Conseqüências humanas**. Jorge Zahar editor, Rio de Janeiro. 1999.

BENEDITO, José. **Jornalismo na Internet**. São Paulo. Editora 1995.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2003.

CARVALHO. Moreira Rui. **Compreender a África**. Teorias e Práticas de Gestão. Editora FGV. Rio de Janeiro. 2005.

CASTELLS Manuel. **A Sociedade em Rede**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 2000.

CHAVECA, Pedro, *Angola quer mais 10 poços de petróleo*: <http://expresso.clix.pt/>, acessado em 07/10/2007.2007.

CHAVECA, Pedro. Angola quer mais 10 poços de petróleo: <<http://expresso.clicx.pt/>. Acessado em 07/10/2007.2008.

CORREIA, Claudia e ANDRADE Heloísa: **Noções Básicas de Hipertexto**.

DESABAFOS ANGOLANOS. Disponível em: <<http://www.desabafosangolanos.blogspot.com>. Acessado em 16/11/2007. 2008.

COM CIÊNCIA: Disponível no site: <<http://www.comciencia.br/comciencia/> . Acessado dia 09/ 04/08.

DIZARD, Wilson. **A Nova Mídia**. São Paulo. Editor Jorge Zahar, 2000.

DIZARRO, Wilson. **A Nova Mídia: A Comunicação de Massa na Era da Informação** São Paulo. Ed. Rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FERRARI, Pollyana, **Jornalismo Digital**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

FRANÇA, Veiga. R Vera. UFMG *Do telégrafo à Rede: o trabalho dos modelos e a apreensão da comunicação*.

FRY, Peter. **A Persistência da Raça. Ensaios antropológicos sobre o Brasil e África austral**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro. 2005.

G1. MUNDO, *Veja a íntegra do discurso de lula na ONU*, www.gz.globo.com/noticias/mundo, acessado em 25/09/2007.2008

GOVERNO DE ANGOLA: www.angola-portal.ao, acessado em 13/10/2007.2008.

HEWITT, Hugh. **Blog, Entenda a revolução que vai mudar o seu mundo**. Thomas Nelson Brasil. Rio de Janeiro, 2007.

IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2001.

J.B.PINHO, **Jornalismo na Internet**. São Paulo: Editora Summus, 2003.

JORNALISMO AFRICA: <<http://www.angolapress-angop.ao/>, acessado em 18/10/2007. 2007.

JORNALISMO DIGITAL Disponível em:

<<http://www.jornalismodigitalunesp.blogspot.com>. Acessado em 17/11/2007.2008.

LEMOS, André. **Janelas do Ciberespaço**. Porto Alegre- RS. Editora Sulina, 1995.

LÉVY, Pierre, **Cibercultura**. São Paulo. Editora 34, 1998.

LÉVY, Pierre. **O que é Virtual**. São Paulo. Editora 34, 1999.

LOPES, Ana Mônica e ARNAUT, Luiz. **História da África**. Belo Horizonte. Crisálida, 2005.

MARIA, José. ERNEST Abadal. CODINA, Luís. **Informação Eletrônica e Novas**. Editora 34. 2000.

MORETZHON, Sylvia. **Jornalismo em Tempo Real: O Fetiche da Velocidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Editoria Instituto Piaget. Lisboa, 1990.

MOTA, Luiz Gonzaga. **Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico**. IN: Maurice Mouillaud. **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo, 1997.

NEGROPONTE, Nicholas. **A Vida Digital**. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

OLI BACU, Nelson. **Áfricas no Brasil**. São Paulo. Editora Contexto, 2000.

PINHO, J.B. **Jornalismo na Internet**. São Paulo: Editora Summus, 2003.

SITE G1.MUNDO, veja a íntegra o discurso de lula na ONU:
<<http://www.g1globo.com/noticias/mundo>. Acessado em 25/09/2007.2008.

SITE: ANGOLA DIGITAL: <<http://www.angoladigital.com.br>. Acessado em 17/11/2007.2008.

SITE: CORREIO BRASILIENSE: <http://www.correioweb.com.br/>. Acessado em 08/05/2008. Artigo do Jornal: Correio brasiliense. Título: África destino crescente de investimentos brasileiros (08/05/2006) crédito: Roger Agnelli (diretor presidente da CVRD).

SITE: NOTÍCIAS DA ANGOLA: <<http://www.angonoticias.com>, acessado em 16/10/2007. 2007.

THOMPSON, B John. **A Mídia e a Modernidade**. Petrópolis Editora Vozes, 1998.

VATTIMO, Gianni. **A Sociedade Transparente**. Lisboa: Relógio D'agua, 1992.

WOLF, Mauro, **Teorias das Comunicações de massa**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

WIKIPÉDIA: <http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81frica_Austral. Acessado em 07/04/2008.

ANEXOS